

Poesia **Expandida**: **Poéticas** e **Políticas** da **Repetição**
Poesia Expandida: Poéticas e Políticas da Repetição
Poesia **Expandida**: Poéticas e Políticas da Repetição
Poesia Expandida: **Poéticas** e Políticas da Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e **Políticas** da Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e Políticas **da** Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e Políticas da **Repetição**
Poesia Expandida: Poéticas e Políticas **da** Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e **Políticas** da Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e Políticas da Repetição
Poesia **Expandida**: Poéticas e Políticas da Repetição
Poesia **Expandida**: Poéticas e Políticas da Repetição
Poesia Expandida: **Poéticas** e Políticas da Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e Políticas da Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e **Políticas** da Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e Políticas **da** Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e Políticas da **Repetição**
Poesia Expandida: Poéticas e Políticas **da** Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e **Políticas** da Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e Políticas da Repetição
Poesia **Expandida**: Poéticas e Políticas da Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e Políticas da Repetição
Poesia Expandida: Poéticas e Políticas da Repetição

Colóquio Online

Livro de Resumos

Instituto de Literatura Comparada – Universidade do Porto

23-25 Novembro 2022



INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

U. PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Table of contents / Índice / Contenidos

In alphabetical order / Por ordem alfabética / En orden alfabético

AiMark – Aimée Lê and Marc Sutton	06
Aline Dias	07
Ayesha Latif	08
Barrett Watten	09
Bronaç Ferran	10
Bruna Carolina Carvalho	11
Caio Marin Brunet Lee	13
Camila Proto	14
Carl-Wilhelm Siwers	15
Carolina Anglada	16
Caroline D'Ávila	17
Clarissa Xavier	18
Claudia Franken	19
Diego Espírito	21
Diego Giménez	22
Diego Rayck	23
Dubravka Đurić	24
Fathima M	25
Felipe Cussen	26
Filipe Senos Ferreira	27
Gaia Bertoneri	28
Gisett Elizabeth Lara	29
Holly Melgard	30
Inês Cardoso	31
Ivan Sokolov	32
J. R. Carpenter	33
Jackie Chicaese	34
Jacob Edmond	35
Jorge Forero	36
Julie Phillips Brown	37
Klara du Plessis	38

Lauri Scheyer	39
Mafalda Lalanda	40
Małgorzata Myk	41
Marzia D'Amico	42
Matthew Kilbane	43
Nathan Taylor	44
Nick Montfort	45
Olivia Lott	46
Otávio Guimarães Tavares	47
Paul Cahill	48
Rebecca Kosick	49
Rita Raley	50
Rui Torres	51
Sandra Guerreiro Dias	52
Sara Pardo Prado	54
Silvana Pessôa	55
Vladimir Feshchenko	56
Yasmine Shamma	57

Infinite Genesis: Recursion in Poetry, AI and Biogenetics

AiMark – Aimée Lê (Pusan National University) and Marc Sutton (Independent scholar)

We will present on our poetics project, *Infinite Genesis* (a play on David Foster Wallace's *Infinite Jest*, which itself is taken from Shakespeare). Together, as a poet and a software engineer, we have collaborated to develop writing resources using GPT-3. However, unlike many AI projects that use neural networks to simulate a kind of mastery or to produce creative fluency, our aim has been to explore processes of loss and repetition drawn from biogenetics, as well as invoking the procedural and conceptual techniques of the avant-garde.

Literary metaphors (inscription, deletion, repetition, and indeed 'writing code') are frequently found within genetics, although there is debate over whether these obscure the important differences between artistic and biological processes. Nevertheless, we feel there is a significant analogy from genetics to draw on; namely, how repetition (particularly the repetition of CAG) can eventually lead to mutation, changing meaning and expression. Our project relies upon on research into Huntington's Disease and other trinucleotide repeat disorders, asking how genetic transmission can serve as a template. The slippage when copying between generations and the unknown status of the HTT gene within most of us informed the initial practice, and connected with the poetic process, which responds to the sometimes-failed process of oral transmission of narratives, as well as inherited metaphors, figures of speech and trauma.

Collaboratively, we aim to produce writing technologies which respond to the gain and loss caused by repetition and slippage, turning simulated forgetting and erasure into a perpetual genesis engine. Our productions seek to approach the limits of human and artificial memory, iterate new translations, and evolve queer forms of poetic reproduction. Through subjecting poetry to artificially enhanced processes of evolution and decay, we explore how meaning is created, transmitted and experienced.

AiMark (Aimée Lê and Marc Sutton) are a nonbinary poetic system. Aimée is a poet, most recently the author of *Erectric Schlock* (Broken Sleep Books, 2022), as well as a literary scholar. Aimée is an associate member of the Poetics Research Centre and Visiting Professor at Pusan National University. Marc is a software developer who has worked in a wide range of languages, on projects ranging from LEGO Digital Designer to black site flight tracking programs and multiple iOS apps.

Rodar, cair, dobrar, repetir: sobre gestos filmados, sobre filmar gestos

Aline Dias (Universidade Federal do Espírito Santo)

Na arte contemporânea em meios fílmicos/videográficos, a repetição está presente como programa de intensificação e/ou esgotamento do sentido dos gestos (refutando sua vocação utilitária) e investigação da temporalidade (tensionando a estrutura narrativa linear-progressiva). Partindo deste contexto, a comunicação analisa um conjunto de gestos filmados nas obras *Le jour où...*, 1997 de Chantal Akerman, *Dead Pan*, 1998 de Steve Mcqueen, *Timing*, 1973-80 de Dora Mauer e *Cine Brasil*, 2012-13, de Paulo Nazareth. Serão abordadas as ações de rodar (pela repetição do movimento de rotação da câmera que enquadra, a cada volta, a própria artista no trabalho de Chantal Akerman e do corpo que repetidamente circunda uma árvore no vídeo de Paulo Nazareth), cair (pelas incessantes quedas de uma casa na apropriação de Steve Mcqueen da célebre cena de Buster Keaton), dobrar (pelo gesto performado por Dora Mauer que manipula um tecido repetidas vezes e divide a tela na múltipla exposição da cena no mesmo negativo). Além da ressonância da repetição das ações filmadas (a leitura, as dobras, o movimento (ou sua ausência) da câmera e do corpo), propõe-se uma reflexão sobre a repetição na/da própria operação fílmica mediante a reprodutibilidade técnica de captação e projeção de imagens; a estratégia de *loop*, repetindo o filme incontáveis vezes na exposição; a citação, re-situando histórias, obras, pontos de vista. Analisando a relação entre os gestos repetidos diante da câmera e o (des)compasso com a repetição implicada no próprio dispositivo fílmico, serão abordadas as operações de filmagem/montagem como posições políticas (Georges Didi-Huberman), as formas de transmissão no e pelo corpo que performa (Leda Maria Martins) e as dobras e variações do que repete/difere (e sua vocação duracional, relacional e acumulativa) na experiência do espectador.

Aline Dias é artista e pesquisadora. Desde 2016, é professora no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, Brasil. Coordena o projeto de extensão Escrita em Artes e o projeto de pesquisa Montagens nos espaços expositivo, fílmico e impresso. É Doutora em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, Mestre em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Reading repetitions in the South-Asian Punjabi poetic genre of the Kafi

Ayesha Latif (University of Comsats)

The South Asian Punjabi regional form of poetry called the Kafi belongs to the oral poetic tradition belonging to the premodern medieval India. The Kafi is a lyrical form of verse which was supposed to be sung and was composed in simple syllabic meters with evenly distributed stresses. The Kafi consists of varying numbers of strongly rhymed verses arranged in couplets, often with a single line repeatedly following the alternating couplets in the poem. The genre embodies aspects of Indic folk songs and were composed following the tunes of regional melodies called ragas. The paper is an analysis of the iterative aspect of this verbal genre of poetry and argues that the recurring patterns not only add musicality to the genre but also place the genre in the heterogenous and eclectic Indic tradition of folk songs. Thematically, the Kafis as folk songs embody the emotional experiences of the community and present a record of the poet's reaction to the cycle of birth, blossoming, decay and death. Even more significantly, the poetry in the Kafi reveals materiality of everyday experiences of the medieval Indian folk. The work examines how the Kafis as performative art show the poet's direct relation to the listening audience and reveal the ethno-poetics of the genre. The repetitions create intense emotional resonance, especially giving voice to the feminine experience. How the repetitions are a part of the interactive, performative, and feminine mode so exclusive to Indian regional poetry is reviewed in the paper. The work takes examples from the Kafis by the two mystic poets, Shah Hussain and Bulleh Shah, to illustrate the complex dynamics of repetitions.

Ayesha Latif teaches English poetry and communication skills at the University of Comsats in Islamabad, Pakistan. In addition, she is a PhD scholar and is currently writing her dissertation titled as "The Vernacular Historiographical Reading of the Kafis by the mystic poets: Shah Hussain, Bulleh Shah and the lesser-known female poet, Piro Preman". Also, Ms. Latif is part of a small study group called the city's feminists; this group organizes the annually held 'contentious' Women March. When not reading or writing, Ms. Latif can be seen hiking the Margalla hills with her two kids who are wildlife aficionados.

Scaffolding Repetition: From Detroit Techno to Language Writing

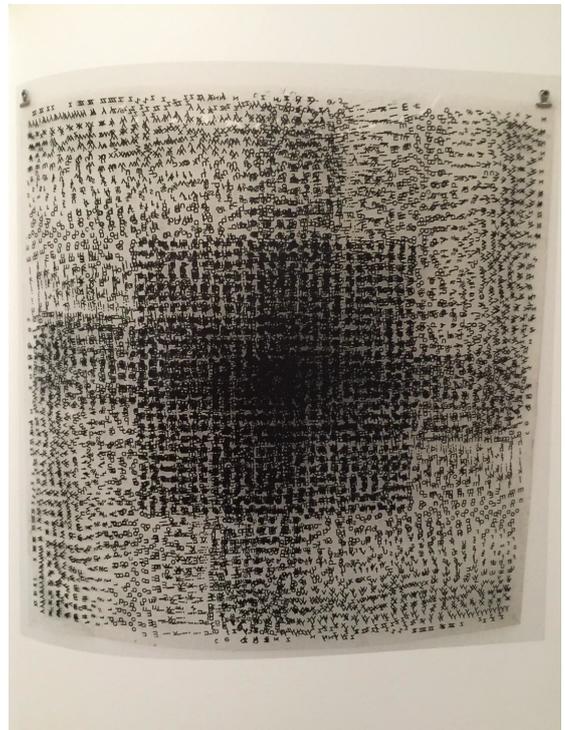
Barrett Watten (Wayne State University)

I will frame this essay with well-known examples of repetition in experimental poetry; the best known, of course, is Gertrude Stein's form of "beginning again and again" and "repeating being" from *The Making of Americans*; her notion of the continuous present; and the ways in which she works to reinterpret historicism in her later work, for example *Wars I Have Seen*, by mediating it through repetitive forms of presentism. Stein's notion of repetition as continuous present was taken up by numerous postwar American experimental writers, in the work of John Cage, Jackson Mac Low, John Giorno, and Ted Berrigan. I will claim, however, that Language writing breaks from Steinian repetition, no matter how strong the influence. To show how, I will take up the use of sampling, sequencing, and sourcing in Detroit techno, an experimental electronic music developed primarily by African American DJs in Detroit from the 1980s to the present. In Detroit techno, the sampled materials are multi-sourced and layered, building rhythmic structures with the addition of materials that continuously reinterpret the prior sampling and sequencing. I term this process "scaffolding," of multiple rhythmic, melodic, and at times verbal samples with perceptibly different sources and interpretive possibilities. The result of "scaffolding" in Detroit techno is an architectonic, polyrhythmic, semantically complex patterning that builds expectation and desire, culminating in intense pleasurable affects. ("Scaffolding" is a technical term for layered narratives in serial TV production, for instance, *The Wire* or *The Bridge*.) My prime example of Detroit techno is DJ Mike Huckaby's *The Sun Ra Sessions*, performed in Berlin in 2018. I will bring this notion of layered scaffolding as repetition to show how Language writing incorporates historicist overlays in its continuous present, referring to my own work from the collection *Zone*.

Barrett Watten is Professor of English at Wayne State University and a member of its Academy of Scholars. He is the author of *The Constructivist Moment: From Material Text to Cultural Poetics* (2004 René Wellek Prize, ACLA) and *Questions of Poetics: Language Writing and Consequences* (U Iowa P, 2016), as well as numerous volumes of poetry, including *Frame* (1971-1990), *Bad History*, *Progress/Under Erasure*, and *Zone* (1973-2021). With Carrie Noland, he co-edited *Diasporic Avant-Gardes* (Palgrave, 2008); and with Lyn Hejinian, he is coeditor of *A Guide to Poetics Journal* and *Poetics Journal Digital Archive* (Wesleyan UP, 2013/15).

On a post-mnemonic reconfiguring in Hansjörg Mayer's overprinted textures of the sixties Bronač Ferran (Birkbeck, University of London)

Suggesting that Hansjörg Mayer's works of the sixties herald an exemplary reconfiguring from a pattern of loss to a pattern of new beginnings, my paper reflects on the power of repetition, iteration, alternation and differentiation within aspects of his lesser-known solo and semi-autonomous titles of this period. It will show that in the dislocations of semantic forms in Mayer's oeuvre we newly see the emergence of semiotic textures. Mayer's crystallizing of event-structures, through an auto-poeisis of memory and forgetting, both in his solo works and works with other, are held together in time and space by language as a mode of becoming within folds and overlays of sequential progressions that demarcate a logic of relation that is presciently present within concrete poetry practices in



advance of digital networked processes. It reflects on how in Mayer's titles a mode of alphabetic mirroring is combined with disjunctive shifts to develop patterns of difference and its iteration: what is being opened is also being closed in formative, generative mutations, that convey a significant moment of transition. It reflects on how form enters into an inter-medial congruence between loss and a sense of tenuous new beginnings and how a memory structure evolves inter-textually into a texture of 'otherings'. This is presented as the historical point where the body as self relinquishes its ordnance and iterates into a logic of system memory; hence it becomes a point of aeration of an inner design into the mould of the poetic surface. In so doing, a permeation of an intrinsic into an extrinsic logic and a mutation into a field from a form of held structure occurs that corresponds, this paper suggests, to the post-war division into digital memory of analogue printed formats.

Bronač Ferran is the author of 'The Smell of Ink & Soil: The Story of [Edition] Hansjörg Mayer' (Buchhandlung Walther König, 2017). In 2022 she completed a doctoral thesis at Birkbeck, University of London on Mayer's titles of the nineteen sixties, situating these against a context of socio-cultural and techno-political shifts in the post-war period. She is now working on a related book and developing two concrete and visual text based exhibitions to take place in Cambridge and in London in 2023.

“Formas novas mas idênticas”. Reescrita e repetição em “Janela acesa”, *Finisterra* e “Filtro”, de Carlos de Oliveira

Bruna Carolina Carvalho (Universidade do Porto)

No ensaio “O Iceberg”, incluído no livro *O Aprendiz de Feiticeiro* (1971), Carlos de Oliveira lê alguns poemas de Afonso Duarte e, em sua interpretação, elege a *metamorfose* como sistema capaz de exprimir a relação existente entre a arte poética, o poeta, a vida, as coisas e as criaturas. “A metamorfose consiste no acto de repetir as formas, quer dizer, de criar formas novas mas idênticas” (2004: 174). A proposição de uma dialética entre identidade e diferença sintetizada na ideia da *repetição* retorna (de outro modo) na “Nota final” de seu último romance, *Finisterra. Paisagem e Povoamento* (1978). Nela, Oliveira lembra o seu primeiro romance, *Casa na Duna* (1943), no qual, assim como no último, está-se diante de uma casa destruída. E se pergunta: “obsessões pessoais e sociais idênticas? Não lhe parece grave, dada a frequência com que sucede aos romancistas repetirem o essencial (para eles) em vários enredos. Grave seria, com certeza, não as ter aprofundado um pouco” (1981: 185).

É uma característica frequentemente assinalada por aqueles que se debruçam sobre a obra de Oliveira o empenho desse escritor pelo aperfeiçoamento formal que o levou a reescrever por várias vezes ao longo dos anos os seus romances e poemas, mesmo os já publicados em livro. Como resume Rosa Maria Martelo, essa prática meticulosa com as palavras denota “o esforço de depuração que o caracteriza e o modo como este assenta na revisitação laboriosa dos textos e numa prática que pertinazmente o caracteriza – a reescrita” (2002: 20).

Nesta comunicação, explorarei o gesto da reescrita em Carlos de Oliveira, concentrando-me em três textos, a saber a crónica “Janela acesa”, o romance *Finisterra* e o poema “Filtro”, de *Micropaisagem* (1969), para pensá-los enquanto criações de formas novas, mas idênticas, nas quais se desestabiliza o paradigma da representação.

Bibliografia

MARTELO, Rosa Maria. “Rigor e literatura.” *In Exposição Carlos de Oliveira e a Perfeição da Escrita*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

OLIVEIRA, Carlos de. (2004) *O Aprendiz de Feiticeiro*, Lisboa, Assírio & Alvim [1971].

_____ (1981) *Finisterra. Paisagem e Povoamento*, Lisboa, Sá da Costa [1978].

Bruna Carolina Carvalho é estudante de doutoramento no programa de Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Licenciou-se em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero e estuda Letras na Unirio. É autora do livro *Glauber Rocha, Leitor do Brasil* (Coleção móbile, Lumme Editora, 2021) e tem artigos, poemas e ensaios publicados nas revistas *dobra*, *Nelic*, *Qorpus*, *Pessoa* e nas coletâneas *uma pausa na luta* (Mórula, 2020), *Volta para tua terra* (Urutau, 2021) e *Juventude, Alegria* (Mórula, 2021).

Repetição, totalidade e diferença nas *Minima Moralia* de Theodor Adorno

Caio Marin Brunet Lee (Universidad de Valencia / Università Luigi Vanvitelli)

Nesta apresentação, gostaria de discutir o lugar da dualidade repetição-diferença na estruturação dos aforismos da *Minima Moralia* de Theodor Adorno. Buscarei indicar, primeiramente, como, apesar da enorme diversidade temática da obra, que se ocupa das mais variadas práticas do cotidiano, produz-se um efeito de repetição de uma mesma forma de aporia que atravessa todos os campos da vida. Essa repetição, não apenas teoricamente referida, mas praticamente encarnada no texto, fundamenta concretamente a noção de totalidade social de Adorno, fazendo sentir-se através da leitura a hegemonia na vida moderna de uma razão e de um modo de ser burocráticos e mecânicos, avessos à individualidade e à diferença. Buscarei indicar, então, como a estruturação textual dos aforismos tenta promover uma experiência de leitura que se oponha a essa inércia. Tal estrutura não nega, porém, a repetição em si; ao contrário, possibilita ao leitor passar repetidamente por uma forma diversa, de maneira que o diferente possa de fato ser produzido e repetido.

Trata-se no fundo, portanto, de dissolver a separação rígida entre repetição e diferença – e, por extensão, sociedade e indivíduo –, de maneira a indicar como uma só existe com e através da outra. Com tal dissolução, deixa de ser central valorizar uma ou outra, tornando-se crucial antes a valoração de pares repetição-diferença, isto é, qual diferença produz certa repetição e vice-versa. Argumentarei que o esforço central dos aforismos de *Minima Moralia* é encontrar uma forma que, para além da separação entre ciência e arte, seja capaz de produzir na carne do texto uma repetição que produza uma diferença de fato individual, assim como uma diferença que torne possível uma repetição libertadora. Esta última prefigura, enquanto ordenamento, justamente, a possibilidade de uma vida certa frente à repetição da vida “má” contemporânea.

Caio Marin Brunet Lee é doutorando em co-tutela na Universidad de Valencia, na Espanha, e na Università Luigi Vanvitelli, na Itália, com uma investigação sobre o aforismo como forma de discurso, com foco em sua elaboração na *Minima Moralia* de Theodor Adorno. Em outubro de 2020, recebeu seu título de Mestre pelo Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, Brasil, iniciando, em novembro de 2020, um estágio de pesquisa no Departamento de Filologia da Universidade de Leipzig, Alemanha. Em 2014, ainda estudante de graduação, realizou também um ano de intercâmbio na Universidade de Frankfurt, também na Alemanha.

atrás da linha o horizonte/depois da linha o futuro

Camila Proto (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

A tradição do pensamento nos convida a idealizar a linha do horizonte como um traço reto infinito, que divide céu e terra, outrora corpo e alma. Também a linha é comumente apreendida como uma materialidade que se desenha logicamente dura, um caminho do início ao ponto final. Contudo, é a escritura enquanto prática de dobramento da linha que insiste em inscrever o horizonte a partir de suas nuances e repetições, fazendo aparecer paisagens que se desvencilham dos contornos e fronteiras da imagem do pensamento dominante. É a partir destas questões que desenvolvo uma série de poemas gráficos que desenham outros horizontes e futuros, emergidos *atrás ou depois* da linha, como rastros de céu, mar e gente dobradas, curvando o tempo e o espaço. Cada poema se dobra sobre si mesmo – através de uma troca contínua dos signos presentes –, na intenção de compor uma superfície, um relevo, um território, que logo desaparece a fim de *desver a linha para entrouvir a fuga*. É questionar *o que pode a linha* para uma composição poética de uma paisagem por vir. Desta maneira, este ensaio objetiva apresentar um processo poético de inscrição de paisagens escriturais em contínua clivagem, ora pela dupla força derridiana de repetição e desaparecimento, ora pela dupla força deleuziana de repetição e diferença. Afinal, o que reside atrás da linha do horizonte, e depois da linha do futuro?

Camila Proto (Porto Alegre, 1996) é artista-pesquisadora, doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalha na intersecção entre o texto, o som e o audiovisual, adentrando o universo intersemiótico e fabulatório para especular encontros entre a arte, a ciência e a filosofia. Foi indicada ao XIII Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (2020, Porto Alegre), na categoria "Artista em Início de Carreira". Em 2022, comporá o programa "Poéticas do Agora", com uma exposição individual no Museu de Arte de Rio Grande do Sul. Para conhecer os trabalhos: <https://www.camilaprote.com/>

Repetition, Surface and Depth: Per Olov Enquist and the Avant-Garde Aesthetics of the 1960s

Carl-Wilhelm Siwers (Linköping University)

This paper investigates the relationship between the avant-garde recycling aesthetics of the 1960s and repetition phenomena within the works of Swedish writer Per Olov Enquist (1934–2020). Whereas the highly concrete, internarrative repetition phenomena in the works of Enquist previously have been regarded e.g. from a psychoanalytical viewpoint and thus as an expression of subjectivity, this paper claims that the kinship with the technically oriented aesthetics of the 60s – characterized by concrete poetry and influences from *le nouveau roman* – implies an anti-subjective as well as anti-mimetic function of the repetition trope; it represents a turning away from the lamp as well as the mirror, according to an influential distinction made by M.H. Abrams. What makes the works of Enquist an example of particular interest is the way in which they express an ambivalence towards this surface-oriented aesthetics of repetition; they appear as a venue and a battleground for different aesthetic paradigms, of which a traditionally modernist-realist one is predominant – paradigms that on the level of principle remain incompatible. This brings to the fore an aspect of chronological nature: rather than characterizing Enquist's works of the 60s, the repetition phenomena appear primarily in the works of the following decades, the 2000s included. Given that this to a great extent is to be regarded as an aesthetics of a particular decade, at the same time as it plays an increasingly important, although ambivalent, role in the oeuvre at hand, the paper concludes by pondering upon the question of the viability and durability of such an aesthetics of recycling and repetition. A possible explanation to its short duration in this historical context lies in it being to a great extent negatively defined; it works through a radical defamiliarization, which, when being refined, runs the risk of becoming too extreme to be effective in the long run when put into practice.

Carl-Wilhelm Siwers is a PhD candidate at the interdisciplinary Graduate School of Language and Culture at Linköping University, Sweden. He specializes in Comparative Literature and is particularly interested in questions regarding literature and media. His ongoing PhD project deals with the role of repetition in the aesthetics of the Swedish writer Per Olov Enquist and has the working title "Repetition and Documentation: Per Olov Enquist and the Aesthetics of the 1960s." Siwers holds an MA in Comparative Literature from Stockholm University.

Anne Carson – 1: exorbitâncias

Carolina Anglada (Universidade Federal de Ouro Preto)

Pós-estruturalmente, a repetição excede o domínio da negatividade, excedendo, ainda, os regimes de visibilidade e de propriedade. Haveria um *isto* que se repete, nos limites da formalização. No pensamento rizomático de Deleuze e Guattari, a repetição é difusa e cruzada, não havendo estrutura que simplifique a produção de multiplicidade, cuja fórmula, $n-1$, subtrai ao encadeamento do múltiplo, a unidade, o fundamento, a origem. A obra de Anne Carson pode ser lida por essa fórmula: ao reduplicar universos ficcionais, depreende-se daí um método (“*workout*”) de retorno a uma mesma imagem, expropriando, entretanto, a unidade arcaizante. Seu senso muito particular de narração digressiva é o que garante esta repetição *menos* a forma, deixando-se ler por uma escritura exorbitante, isto é, pela tentativa de sair da clausura e do sufoco de uma evidência originária. Em *Autobiografia do vermelho*, por exemplo, Carson se propõe a reescrever ensaística e poeticamente a história do personagem Gerião, presente em Estesícoro de Hímera e em Homero, e que responde por um monstro, cuja deformidade passa pela cor, metonimicamente disseminada na carne, na paixão, na lava do vulcão. Dessa repetição em chave autobiográfica, se afirma: “Todo/ Evento persiste menos um”; “O mundo vermelho E as correspondentes brisas vermelhas/ Perduraram Gerião não”. O Gerião imperdurável é esta reserva não correspondente; personagem *in progress* de uma inflação narrativa cuja unidade é desde sempre ruína. Do mesmo modo, o *menos um* de *The Albertine Workout* responde pela personagem de Proust que gravita oscilante entre presença e ausência. Assim, por mais que retornem, Albertine e Gerião não são objetos sólidos, gêneros factíveis; sendo, diferencialmente, sucessividades imprevistas, disparates, vontades de afirmação e de realização. Seria o *método da repetição*, nesse sentido, um *blefe*, tipo de subtração a revelar o fundo sempre incriado, não-percebido e imperdurável de toda obra?

Carolina Anglada é professora adjunta de Literaturas de Língua Portuguesa e Teoria da Literatura na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem (POSLETRAS - UFOP). Doutora em Literaturas Modernas e Contemporâneas pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFMG (2018), com a tese *Arqueologias da forma: Herberto Helder, Nuno Ramos e Paulo Henriques Britto*. Continua suas pesquisas sobre teoria da forma, com particular interesse nas poéticas modernas e contemporâneas e nas relações entre literatura e filosofia.

Uma variação do estilo no texto de Maria Gabriela Llansol: escrita da repetição como dissipação

Caroline D'Ávila (Universidade do Vale do Jaguaribe / Faculdade Vidal de Limoeiro)

O último projeto iniciado pela escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, mas ainda em curso pelos organizadores do seu espólio, é a série dos *Livros de Horas*. Enquanto projetava a série, a escritora se questionava sobre o que pode haver em comum n'*A raiz de qualquer livro*, e é assim que ela apresenta um dos ramos da sua árvore de escrita, dando a ver que é no vasto e repetitivo material de sua escrita diarística que as raízes do seu texto ganham forma, volume e densidade. De fato, foram muitos anos alargando as margens do que uma escrita pode, mas não foi só isso. Com esse projeto, ela desejava afirmar como e o quanto escrever e estudar tem uma mesma raiz. Sua escrita tem atos preparatórios, um deles é ir buscar matéria em lugares como: diários, biografias, enciclopédias e livros de história. Ao remontar a raiz do termo *Studium*, encontramos os choques e as colisões. O estudo seria parente do espanto, e talvez por isso quem estuda é de tal modo impactado pelo que encontra que, ainda que não saiba o que fazer com isso, não sabe se separar. Acontece que Llansol não escreve apenas para estudar, mas para agir na matéria estudada, de modo que, para além dos trabalhos, o manual e o intelectual, a escrita é ainda um estudo atento de mundos suspensos; primeiro, ela lê, retém, situa, reflete; depois ela medita sobre as formas, os símbolos, as significações; por fim, ela opera uma dissipação de todo conteúdo acumulado, fazendo com que eles se pareçam com os microfragmentos que resultam de uma explosão, quer dizer, tornando-os não só praticamente irreconhecíveis, como desfalcando qualquer encaixe original. Aí está a matéria dos seus livros, um texto feito de remontagens impossíveis desses escombros, sendo preciso achar o que está aí submerso, uma poeira que primeiro foi ouro.

Caroline D'Ávila é pesquisadora, professora e psicanalista. Doutora em Memória Social pela UNIRIO, no Rio de Janeiro, Mestre em Teoria e Crítica de Arte pela UFF, no Rio de Janeiro e Graduada em Psicologia pela UNIFOR, em Fortaleza. Atuando em reflexões críticas multidisciplinares, busca desenvolver formas de diálogo entre diferentes campos do conhecimento - especialmente Artes, Filosofia e Psicanálise - e atravessar margens conceituais entre a cultura e a linguagem, entre a memória e a história, entre o corpo, a escrita e o texto. Nasceu em Fortaleza, Ceará, Brasil, em 1987.

Memória e repetição nos *Diários Públicos* de Leila Danziger

Clarissa Xavier (Universidade Federal de Minas Gerais)

A artista plástica, poeta e pesquisadora brasileira Leila Danziger desenvolve trabalhos multimídiais em torno do tema da memória. As obras de Danziger mesclam linguagens verbo-visuais, além de procedimentos artísticos e acadêmicos, que refletem a condição de acúmulo material e simbólico que permeia as narrativas. O apagamento e a sobreposição de palavras e imagens faz parte dos processos reunidos no livro *Diários públicos*, de 2013. A série homônima ao livro, desenvolvida entre 2001 e 2011, utiliza como suporte folhas de jornal. As notícias impressas nas páginas são invisibilizadas por uma técnica de apagamento que Danziger denomina “depilação”, sobre as quais carimba versos.

Os jornais apagados por Danziger trazem uma rede literária, mobilizada pela colagem de versos de distintos poetas que se repetem ao longo das páginas, formando um eco que se atualiza na relação com as imagens. Na obra intitulada “Para Paulo Leminski”, leem-se os versos do poeta que sintetizam precisamente o procedimento elaborado nas páginas de jornal que compõem a série: “apagar-me/ diluir-me/ desmanchar-me”. Na página dedicada a Ana Cristina César, está carimbada três vezes, até que desaparece sob as linhas coladas e depiladas, a frase da poeta marginal “Eu era menina e já escrevia memórias, envelhecida”.

Nos *Diários Públicos*, os versos citados em repetição são transpostos de seu contexto, recortados em sua origem e se tornam em evidências de um processo de transformação completa das páginas de jornal que os abrigam enquanto suporte, cujo rastro último de sua origem reside nas faixas coloridas marcadas pela fita crepe. Assim, observa-se, por um lado, que o apagamento realizado nos jornais articula uma abundância simbólica da relação entre o silêncio e a comunicação cotidiana, enquanto, por outro lado, o silenciamento produzido pela forma como as políticas são articuladas na instância midiática é figura e fundo, tratando-se, simultaneamente, de repertório e suporte.

Clarissa Xavier é graduada em Letras pela Universidade de São Paulo e mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente realiza doutorado em Estudos Literários pela UFMG, onde pesquisa as relações entre a literatura e o silêncio em obras de poesia visual.

Stein & Schwitters: Insistence and Ex-Formulation as Functions of Anarchy

Claudia Franken (Independent scholar)

1. Stein and Schwitters shared a conception of their *Lebenswerk* as always evolving and expanding its forms of persuasion.
2. Their near-repetitions in “gradual insistence” and “ex-formulation” may provoke deep suspicion of normalcy, identity, and the “offices of origin” (Stein’s phrase) by way of replacing these concepts with that of a transitory ego or entity.
3. Within the tight visio-textual progression of repetitive styles, Stein and Schwitters hid certain strata of meaning (for example, when Schwitters uses shorthand writing as a layer of commentary on his *Merzbilder*).
4. By creating a psycho-dramatic charge, in which breakages in repetition mark meaning, Stein and Schwitters create a basis for allegorical procedures directed against the denial assumed in contemporary crises. Insistence and ex-formulation target the alleged dilemmas and omnipresent formulae by which culture predicts and institutionalizes identity. While Schwitters assembled found objects to lay bare illogical structures behind the commonplace in “active paradox,” Stein, by means of her “irregular commonplaces”, established cut-outs into fixed conceptions of the body politic and the body natural.
5. *Accumulatio* ex-formulates inputs, when backward projection of a blend to one of the inputs disrupts the integration of the input itself (cp. the descriptions by cognitive linguistics). Antitheses occur in the form of ‘nonsense’ as less local and more universal than sense, often already on the material level of the allegory.
6. Literary figures become intertextual migrants, when Schwitters and Stein ex-formulate the imbalanced, pseudo-allegorical role of a ‘third.’ With a dispossessed heir of a “third acre” (*Der dritte Acker*, 1930-38), Schwitters analyses expropriation and the totalitarian state’s manufacture of consent by means of control of the agora. Stein’s “(Gypsies)” comment upon the generalized identities ventilated by propaganda while they defend the intervention of art.

Claudia Franken is an independent scholar. She has worked as university teacher, head of studium generale, curator of studiengalerie Aachen, Germany, and as a scenographer. Among essays, articles on literary history,

theory, adult education and contemporary artists, she authored an intellectual biography of Gertrude Stein and recently edited a volume on René Böll. She is working on a theory of functional and expanded scenographies and is a member of the Board of the Asociación de arte Lorenzo Cherbuy, Cádiz, Spain.

Máquinas post_concretas: hacia una cartografía afectiva desde el arte con máquina de escribir

Diego Espíritu (Universidad Nacional Autónoma de México)

Desde los pioneros como Stefi Kiesler y H.N. Werkman, hasta Ruth Wolf-Rehfeldt y Anatol Knotek pasando por Dom Sylvester Houédard y Henri Chopin, el arte con máquina de escribir o *typewriter-art* ha atravesado diversos derroteros formales: registros mínimos, digitación mecanográfica, repetición y *atiborración* como saciedad semántica, distribución tipográfica no-lineal, escritura no-programática libre, “sampleo” textual con métodos de ilustración por carácter y morfema: cada artista textual es una forma de typewriter-art. En este trabajo, se plantea la pregunta de si es posible pensar una dimensión afectiva del dispositivo del arte con máquina de escribir, esto es, ¿cómo abordar cartográficamente una composición visual construida desde alguna de las aristas del arte con máquina de escribir? El typewriter-art, como mapa afectivo, a través de la potencia visual del poema-textotextil es capaz no sólo de trazar arquitecturas visuales complejas, sino además de hacerlo en la generación de una contra-narrativa, desde la cual es posible abordar un relato canónico en las líneas de estratificación y actualidad, tal como las entendía Gilles Deleuze y Michel Foucault. A partir del concepto de “tecnopoéticas” en Claudia Kozak, la relación entre arte, sociedad, técnica y tecnología en Anahí Alejandra Ré y la cartografía en la obra de la artista Viviana Silva Flores —respectivamente—, aquí se propone —por un lado—, una re-lectura de la genealogía de Alan Riddell en “Typewriter art” y la antología de Barrie Tullet “Typewriter Art: A Modern Anthology”, y —por el otro— una propuesta de análisis en las prácticas contemporáneas del arte con máquina de escribir.

Diego Espíritu (México, 1990). Parte del colectivo de investigación y creación Arte+Ciencia de la UNAM. Incluido en *Líneas en tierra. Una colección de poemas mexicanos/ Lines in land. A collection of Mexican poems* editada y traducida por Tamryn Bennett y Guillermo Bátiz Cano (Australia, Australian Poetry, 2019), así como en *San Diego Annual Poetry 2015-2016, 2016-2017, 2019-2020*, traducido por Cristina Pérez Díaz, María Cristina-Hall y Carla Rivarola. Imparte el taller “Máquinas post-concretas” sobre typewriter-art y poesía concreta. Autor de *Poemas Punks para community managers* (Buenos Aires, Santos Locos, 2016; México, Mantarraya 2017).

Repetição e plagiotropia, a presença da leitura na escrita

Diego Giménez (Universidade de Coimbra)

A partir da definição de Haroldo de Campos da plagiotropia em *O Arco-íris Branco* (1997), das reflexões de Jerome McGann sobre a textualidade em *The Textual Condition* (1991) e de Manuel Portela sobre a intertextualidade em *Literary Simulation and the Digital Humanities* (2022), o presente trabalho pretende pôr em paralelo os processos de escrita de Fernando Pessoa, Jorge Luis Borges e Enrique Vila-Matas por meio da relação leitura-escrita. A plagiotropia (do grego, plágios, oblíquo, que não é em linha reta) seria, para Campos (1997, p. 49), a derivação oblíqua ou ramificada que descreve “o desenrolar do processo literário como releitura ‘polifónica’, antes por desvios do que por traçado reto, da tradição. Uma ‘semiose ilimitada’ (Peirce) ou ‘infinita’ (Eco), em que cada novo texto funcionaria como interpretante do fundo textual anterior, ao mesmo tempo em que o deslocaria para um novo plano produtivo”. Para McGann, os textos, além de variarem no tempo, variam de si mesmos quando se envolvem com os leitores que antecipam. Para Portela, a intertextualidade é a condição geral da textualidade enquanto possibilidade de leitura e possibilidade de escrita. Pessoa escreve: “por isso busco, por uma imitação de uma hipótese dos clássicos, figurar ao menos em uma matemática expressiva as sensações decorativas da minha alma substituída” (3-25r); Borges, na “Biografia de Tadeo Isidoro Cruz”, descreve “un libro que cuya matéria puede ser todo para todos (1 Corintios 9:22), pues es capaz de casi inagotables repeticiones, versiones, previsiones”; e Vila-Matas afirma, em “Alocución en Monterrey”, que “puede parecer paradójico, pero he buscado siempre mi originalidad de escritor en la asimilación de otras voces”. Com base nos marcos teóricos e no corpus, pretende-se mostrar como se escreve depois ou a partir de outros textos.

Diego Giménez, Doutor em literatura e pensamento pela Universidade de Barcelona, com uma tese sobre o *Livro do Desassossego*, é também Mestre em Estudos Literários e Licenciado em Filosofia pela mesma universidade. Trabalhou na redação de LaVanguardia.com e cofundou em 2008 *Revista de Letras*. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e pesquisador no projeto financiado pela FCT “Nenhum problema tem solução: um arquivo digital do *Livro do Desassossego*” da Universidade de Coimbra. Foi pesquisador de pós-doutoramento na Universidade Estadual de Londrina onde continuou os estudos sobre Fernando Pessoa e onde lecionou as disciplinas Teoria do Poema e Teoria da Narrativa. Atualmente é pesquisador de pós-doutoramento no Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra com uma bolsa da FCT.

traçar e traçar outra vez: a repetição na constituição do desenho

Diego Rayck (Universidade Federal do Espírito Santo)

Esta comunicação busca refletir sobre como a repetição integra aspectos conceituais, processuais e formais do desenho. Ao se considerar a própria manifestação gráfica do traço e do gesto que o produz, é possível situar a repetição em uma posição ativa e privilegiada na constituição do desenho, evidenciando radicalmente a natureza estrutural e performática deste. Além disso, a repetição participa no emprego de elementos que integram modelos representacionais quando determinado recurso é aplicado reiteradamente. A repetição também pode ser observada nas operações remissivas realizadas por artistas pela citação de outras obras, seja entre desenhos ou nas transposições entre desenho e outros meios, o que está implicado na maneira como a repetição protagoniza as estratégias tradicionais do ensino do desenho enquanto base do procedimento de cópia. Considerações sobre tais tópicos serão desenvolvidas tendo em vista recortes da obra gráfica dos artistas Vincent Van Gogh, Mira Schendel e William Kentridge. De van Gogh será analisado o método de estudo baseado na reprodução de trabalhos de outros artistas, bem como a construção de superfícies ritmadas derivadas da repetição de traços curtos; de Schendel será observada a profusão continuada da série de monotípias e a relação explorada entre imagens e palavras; de Kentridge será tratado o procedimento repetitivo na realização de pequenas variações em desenhos visando a construção de animações, o que aponta para a dimensão performativa do desenhista. Nessas análises parte-se de um entendimento de desenho que, influenciado pelo pensamento de Jacques Derrida, sempre é elaborado sobre outras imagens e textos, cada traço adiando uma determinação, produzindo pelas diversas formas de repetição desvios e diferenças que perturbam e acrescentam potência à linguagem.

Diego Rayck é artista e pesquisador, professor adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo nas áreas de desenho e gravura. Possui interesse na dinâmica pela qual os desenhos partem de e remetem a outras imagens e textos. É pós-doutorando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutor em Arte Contemporânea (2015) pela Universidade de Coimbra, Mestre em Artes Visuais (2009) e Bacharel em Artes Plásticas (2002) pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

Forms of Repetition in Time: From Linguistic to Performative Turn in Yugoslav and Post-Yugoslav Textual/Poetic Practice

Dubravka Đurić (Singidunum University)

In my presentation I will map the practice of repetition in the textual experiments of Yugoslav poets and artists, situating their work within the global linguistic turn. Poets and artist alike from 1960s used repetition in the context of minimalistic experimental aesthetics, which was an implicit and explicit critique of socialist mainstream practices. Texts and poems had the double function of a poetic text and as a discussion of the nature of the work. This approach implies the new interpretation of relation between textuality in art and in poetry in the context of late Yugoslav socialism. My focus will then be directed to experiments in postsocialist era, and the time of globalization characterized by permanent crisis, and the global reactualization of neo-avant-garde. The reappearance of poetic experiment and hybrid forms, the reactualization of concrete poetry as well as the global performative turn in poetry, will be discussed in relation to global poetic constellations and to local experimentalism in socialism. Repetition can be now understood as remediation in the function of establishing the continuity in the cultural context in which the continuity of poetic experiment was impossible thanks to postmodernist gap with its return to the past at the end of socialist era.

Dubravka Đurić is a Professor at the Faculty of Media and Communications, Singidunum University, Belgrade, where she teaches courses on media studies and popular culture, as well as on experimental literature. From 2015 she is president of the Serbian Association for Anglo-American Studies. With Miško Šuvaković she coedited *Impossible Histories: Avant-Garde, Neo-Avant-Garde, and Post-Avant-Garde in Yugoslavia* (MIT Press 2003). With Biljana D. Obradović she coedited *Cat Painters: An Anthology of Serbian Poetry* (Dialogos Press, 2016). She is a poet and translator of American language poetry.

The Language and Repetition of Resistance in Contemporary Palestinian Poetry

Fathima M (Jawaharlal Nehru University)

There are many ways of defining and exercising resistance. Some forms of resistance can be silence, art, self-harm, violence, compulsive clinging to memories or objects, and music, among others. Jazz, for instance, emerged as a form of resistance. Likewise, the interplay of words that capture a memory, displacement and resistance are some of the defining features of contemporary Palestinian poetry that depicts and defines home in myriad ways.

To this end, we analyse the poetry of American-Palestinian poets Hala Alyan and Noor Hindi and deconstruct the language of resistance that is repetitive and a defining feature of their work. We employ the framework of home and its theories to comprehend the complexity of language that defines home and the recurring motif of resistance in every image or fantasy of home.

Fathima M has recently received her PhD in English from Jawaharlal Nehru University, New Delhi (India). She was a Fulbright fellow at the University of Texas at Austin in 2017.

Serial writing

Felipe Cussen (University of Santiago Chile)

The "series" is a concept usually related to writers, composers or murderers. But it is also pertinent to think of it in relation to writing, as a form that allows establishing very specific limits from which repetitions and variations develop together. A classic example is *I remember* by Joe Brainard, which has been later replicated by writers such as Georges Perec and Margo Glantz, and has also been modified in works such as *No recuerdo* by Esteban Feune de Colombi or *Living in a Land* by Sean Ashton. Using the series as a model, I will refer to several of my recent publications, in which I have been able to verify the potential of this type of work, its tendency to proliferate and, moreover, the resistance it provokes.

Felipe Cussen (Santiago de Chile, 1974) holds a PhD from Universitat Pompeu Fabra and is full professor at the Instituto de Estudios Avanzados of the Universidad de Santiago de Chile. His academic and creative investigations cover the relationships between literature, music and visual arts, experimental poetry, digital technologies, mysticism and pop. He recently published *La oficina de la nada. Poéticas negativas contemporáneas* (Siruela, 2022). Much of his work is available on his website www.felipecussen.net.

Será o poeta um fingidor? Diálogos intermediais entre Cruzeiro Seixas e Fernando Pessoa

Filipe Senos Ferreira (Universidade de Aveiro)

Assumindo grande importância nas artes, a repetição pode, em algumas situações, constituir um fenómeno *transmedia* (Wolf, 2014). Tipologicamente enquadrável no âmbito dos estudos intermediais – na tipologia de Werner Wolf (2008) –, a transmedialidade designa “fenómenos itinerantes” (Rajewsky, 2002), que, não sendo específicos de nenhum meio, nem tendo, conseqüentemente, uma origem medial facilmente identificável, são antes observáveis numa grande variedade de *media*. A metalepse, a *mise en abyme*, os modos de representação (e.g. narratividade) ou, ainda, conceitos e categorias teóricas, bem como paradigmas e discursos comuns a distintos meios são alguns dos exemplos apontados por Rajewsky (2013) para ilustrar essa categoria.

Nesta comunicação, é justamente a reincidência e similitude de temas e de motivos em distintas artes/meios (Wolf, 2014) que nos importa analisar. Pretendemos, em particular, demonstrar que algumas das pinturas de Cruzeiro Seixas – uma delas sugestivamente intitulada *O poeta* (s.d.) – revelam uma conceção do fazer poético muito semelhante àquela que perfilha Fernando Pessoa. Neste sentido, defendemos que tais obras podem, efetivamente, ser lidas e interpretadas à luz da teoria do fingimento artístico pessoano, conceção que, aliás, pictoricamente parecem replicar. Esta interpretação é corroborada pela análise de alguns dos (meta)poemas deste escritor de “ofício múltiplo” (Frias, Martelo, Eiras, 2017), afins à temática do poeta de Orpheu. Apoiados na classificação aduzida por Wolf (2022), analisamos, assim, os contornos da repetição/semelhança que ecoa na obra do surrealista, procurando caracterizar o seu grau de intensidade e de extensão, assim como a sua possível motivação, local de ocorrência (intra e extramedial) e relevância semântica.

Filipe Senos Ferreira frequenta presentemente o Programa Doutoral em Estudos Literários na Universidade de Aveiro, onde completou também o Mestrado em Estudos Editoriais, com uma dissertação intitulada “Entre a arte e os números: Eça de Queirós & Companhia Ficcional”. É licenciado em LLC pela mesma Universidade. Os seus interesses de investigação situam-se nas áreas dos Estudos Literários e dos Estudos da Edição, com especial ênfase na narrativa portuguesa contemporânea (séculos XX-XXI) e nos Estudos Intermediais e Multimodais. Desempenha funções docentes no Departamento de Línguas e Culturas da UA e, além disso, é professor, desde 2019, do MOOC ApPT-UA Aprender Português com a UA.

A repetição na poesia de Carlos de Oliveira e Eugenio Montale: o movimento como dança poética

Gaia Bertoneri (Universidade de Turim)

*o ponto morto do mundo, o elo que não liga,
o fio do novelo que finalmente nos leva
ao centro de uma verdade.*

Eugenio Montale

Vejo o novelo denso ondear. De súbito a velocidade, as janelas abertas do carro, pegam nele, desenredam-no por cima do meu ombro direito (guio com a cabeça ligeiramente voltada sobre a direita) e puxam-no para trás.

Carlos de Oliveira

A minha comunicação visa apresentar um estudo comparado entre a poesia de Carlos de Oliveira (1931-1981) e Eugenio Montale (1896-1981). Muitas são as analogias que se podem estabelecer entre os dois poetas: influências literárias, ideias políticas, temas poéticos e o recurso à semântica da mineralização permitem traçar um paralelo e pôr as obras em diálogo. Os livros de poemas *Entre duas Memórias* (1971) de Carlos de Oliveira e *Satura* (1971) de Eugenio Montale apresentam palavras-chave que, na sua repetição, parecem provocar um jogo de movimento.

É minha intenção traçar um paralelo entre as duas obras mencionadas focando a minha análise em três aspectos. Em primeiro lugar, pretendo comparar, brevemente, algumas ideias poéticas apresentadas nas prosas jornalísticas de Eugenio Montale e nas crónicas de Carlos de Oliveira (como, por exemplo, a concepção da arte, a relação com a literatura, o papel da mulher); em segundo lugar, reflectirei sobre a ideia de movimento poético relevável nas obras poéticas acima citadas, isto é, com especial incidência sobre palavras, locuções ou sujeitos poéticos que são agentes dinâmicos na composição poética em questão; em terceiro lugar, analisarei como, nesse jogo de movimento lírico, os elementos e os detalhes naturais que povoam a paisagem de Carlos de Oliveira e Eugenio Montale são, por si, elementos que tendem para o gesto reiterado como tentativa de compreender o sentido da vida.

Gaia Bertoneri ensina Língua Portuguesa no Departamento de Línguas de Turim. É doutora em *Digital Humanities* (Universidade de Génova e Turim) com a tese *O efeito Droste: para uma crítica visual da obra de Ana Teresa Pereira*, e ocupa-se da aplicação dos *visual studies* à literatura portuguesa da segunda metade do século XX. Coordena o segundo número da revista luso-italiana de estudos comparados *Submarino* dedicado ao poeta Herberto Helder. Traduziu para italiano José Manuel de Vasconcelos, Maria Teresa Horta, Luís Quintais, Herberto Helder, José Eduardo Agualusa, Ana Teresa Pereira e Machado de Assis.

POESIA NÃO BASTA: vínculos entre arte, *performance* e *poetry slam* a partir dos livros de artista (2002-2018), de Cecilia Vignolo e *Sangría* (2017), de Luiza Romão

Gisett Elizabeth Lara (Universidade Federal de Rio de Janeiro)

Este trabalho tem como objetivo investigar projetos estéticos e políticos que construam estratégias de subversão ao sistema colonialista, patriarcal e capitalista, questionando e desarticulando as estruturas de poder que operam no campo cultural das artes. As obras a serem utilizadas são os livros de artista de Cecilia Vignolo, criados entre 2002 e 2018, e *Sangría* (2017), de Luiza Romão. Estas obras constituem múltiplos projetos que transitam por diferentes linguagens artísticas: poesia –verbal e visual–, livro-objeto, imagem fotográfica, instalação, documentário, *performance*, vídeo-*performance* e *Poetry Slam*. Ambas as obras são artefatos e atos corporais ao mesmo tempo e foram construídas e representadas a partir de sua própria experiência, como mulheres colonizadas e também *performers*. Por um lado, estudar as obras amplia o debate sobre a inespecificidade da estética contemporânea e a formação de comunidades artísticas por meio do cruzamento das linguagens artísticas utilizadas. Por outro lado, serão investigados os mecanismos de subversão desenvolvidos contra o cânone hegemônico masculino e branco das artes visuais. A aproximação comparativa entre ambos os trabalhos permite pensar obras de mulheres com uma perspectiva feminista, dialogando, por meio desses referenciais teóricos, com a crítica literária e artística que aborda problemas em relação a esses campos culturais.

Gisett. E. Lara é professora, fotógrafa e ilustradora. Estudou Língua Castelhana e Comunicação e Licenciatura em Língua (espanhola) e Literatura pela Universidade Alberto Hurtado, no Chile. Realizou Mestrado em História da Literatura na Universidade Federal de Rio Grande. Atualmente realiza a Especialização Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras do Instituto Federal do Rio de Janeiro IFRJ e Doutorado em Letras Neolatinas na Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ onde desenvolve pesquisas interdisciplinares que envolvem as áreas de literatura, arte e ensino com ênfase em estudos feministas e interculturais. Nos últimos cinco anos tem se dedicado aos seguintes temas: Literatura e Arte Latinoamericana feito por mulheres; Estudos culturais e Estudos de gênero.

Paratextual Play with Repetition in Gertrude Stein's *The Making of Americans*

Holly Melgard (New York University / The City University of New York)

Gertrude Stein's 925-page book *The Making of Americans* (*MoA*), famously known as the most repetitive novel in the English language, defies description by design. For the last hundred years, Stein's claim that "there is no such thing as repetition in the time of writing, there is only recurrence," has been *the* paratext most commonly used to describe what repetition is doing in *MoA*. But even if the reader were to literally remove subsequent repetition of each word in this text, they would see that *attention paid to repetition* remains an undeniable theme running throughout the work, as the last three words of such a text would be "saying similar similarly." When used as a tool to read the text, Stein's denial of repetition is a paratext designed to designate boundaries for the work's reception in discourse just as Gérard Genette theorizes them in *Paratexts: Thresholds of Interpretation*. However, Stein's paratextual play strategically provokes defiance of such reading conventions, as many of her first editions feature blurbs, synopses, titles and chapter headings written in the disorienting, repetitive narrative style of *MoA*. Beyond the consensus that repetition doesn't exist in *MoA*, scholarly descriptions of the book agree on little else. Summaries of *MoA* written by American poet-scholars for instance have traditionally projected descriptions of their own poetics onto her book like a practice doll, ritualistically establishing their own brands by reterritorializing definitions of Stein's poetics to mirror their own. Listed in chronological order, such summaries read like an uncanny timeline of American poetry movement strategies. Analyzing the paratextual dimensions of *MoA* for what is and isn't repeated in scholarly summaries of the book, this research ultimately argues that summaries which double as paratexts that describe the scholar's own affiliated movement exemplify the paratextual play that the book both exhibits and provokes.

Holly Melgard's *Fetal Position* (Roof Books, 2021) is her first poetry book with an outside editor after a decade of self-publishing on the experimental platform Troll Thread, which she co-founded, designs, and co-edits. She is also the author of [The Making of The Americans](#) (Troll Thread, 2012), a 25 page poem that deletes all repetition from Gertrude Stein's 925-page version of the book. *Selected Poems* are forthcoming (Ugly Duckling Presse, 2023). With a PhD in Poetics from SUNY Buffalo, she currently lives in Brooklyn designing books, teaching writing at NYU and CUNY, and teaching a UDP workshop called *Paratextual Play*.

Salette Tavares: O diálogo como gesto de (re)criação

Inês Cardoso (Universidade do Porto)

Intelectual informadora e poeta de ofício múltiplo, Salette Tavares foi autora de uma obra plural, marcada pela interceção entre diversos materiais, técnicas e modos de mediação. Sob o denominador comum de Poesia Espacial, deixou-nos dezenas de poemas em olaria, chapa, alumínio, arame e tecido, bem como um avultado número de experiências tipográficas, caligráficas e serigráficas. Defensora de uma “activa penetração poética em todos os planos da vida humana ao nível do quotidiano” (Tavares 1989: 46), enquadrou ainda, nesse mesmo contexto, os resultados dos diálogos criativos estabelecidos com os seus filhos, amigos e pares.

Nos termos propostos por Jacques Rancière (2004), a arte não é política pelas mensagens que transmite, mas sim pela forma como recorta um determinado espaço e um determinado tempo. Considerando a determinação de uma forma de experiência específica, na qual se tecem formas de reunião e de solidão, como um aspeto central para compreender a dimensão política da produção artística de Tavares, esta comunicação visa problematizar as implicações dos gestos de repetição, variação e transposição à luz da noção de diálogo.

Tratando-se de uma obra que procurou questionar e expandir continuamente os materiais e os meios de inscrição do poético, também o diálogo será, aqui, entendido de forma plural e expandida. Assim, considerar-se-ão não só diálogos promovidos pela autora em vida, mas também outros que, em contexto póstumo e por via da releitura, procuram perpetuar a conversação.

Inês Cardoso é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Concluiu, na mesma instituição, o mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, apresentando uma dissertação intitulada *O futuro já mostra que ontem foi há muito tempo: A resistência à globalização em Alberto Pimenta* (2016). Bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML), encontra-se a concluir uma tese de doutoramento em torno das obras de Salette Tavares e António Aragão. É uma das fundadoras da Revista Interartes SKHEMA [www.skhemagazine.com].

Difference and Repetition in Late Modernism: The Variations of Elizaveta Mnatsakanova

Ivan Sokolov (University of California, Berkeley)

Elizaveta Mnatsakanova (1922–2019) was a Moscow-based musicologist of Armenian descent who began writing poetry in the late sixties; shortly after, she suffered a clinical death and emigrated from the USSR, to emerge as Elisabeth Netzkowa/Mnatzakanjan, a writer and painter of the Viennese postwar avant-garde scene. This microbiography suggests an artist who made a career out of transcending boundaries and merging identities. Indeed, her powerful writing was that of a belated modernist—a true believer in metaphysical *durées* organizing life and work alike. In her score-like poems and *livres d'artiste* Mnatsakanova melded together various media and languages, intertexts and patterns, pushing towards a kind of total work of art. Modernist continuity, however, coexists in Mnatsakanova's *œuvre* with avant-gardist contiguity: the fragile body of the “undead” author stops being a basis to the superstructure of her all-fusing art once we focus on the similarities between her self-fashioning and her poetics. Mnatsakanova's elusive selves—her varying affiliations, names, handwritings, author pics—in fact speak to a more fragmented sense of self-iteration than the Bergsonian *durée* of memory she would subscribe to. This dialectic of self-erasure and self-invention resembles the much-discussed effects of the paronomastic patterning and rewriting in her poetry. Do the endless repetitions in her lyric contribute to a musical, cyclical temporality the way a conventional interpretation of Nietzsche's “eternal recurrence” would have it? Or does Mnatsakanova's “return of the same” result in inevitable jars and hiccoughs that disfigure both the originary unit and the recap, should one embrace a more Deleuzean, rupture-imbued view of both difference and repetition? Beyond a more technical consideration of the serial and the iterative in Mnatsakanova's life and work, this paper seeks to frame the discussion in broader historical terms, namely the ambiguity of late modernism in its refractions across socialist and capitalist cultures.

Ivan Sokolov (PhD Candidate in Slavic, UC Berkeley) is a poet, translator, critic and scholar of Russophone and American twentieth- and twenty-first-century poetry.

It's Fine: An Eco-poetics of Exhaustion in Weather Writing

J. R. Carpenter (Winchester School of Art)

Forecasting future weather through computational means requires the accumulation of past weather as a dataset. This accumulation accrues through repetition, through the daily observation of weather as it is happening now, and now, and now. How do we write into this relentless present? How do we address the timescale and scope of climate crisis from within this ever-present tense? In *Staying with the Trouble*, Donna Haraway evokes a “thick present,” an ongoing now that “collects up inheritances and makes ongoing possible.” In this paper I will explore an eco-poetics of weather writing wherein repetition is evoked as trope for weather’s ongoingness. The title of Alison Scott’s exhibition and publication *ditto, ditto, ditto* comes, Scott writes: from time spent in the Scottish Meteorological Society’s archives, looking at personal weather diaries, wherein the word ditto is used repeatedly as short-hand for ‘same again/ likewise’. Lisa Robertson’s poetry collection *The Weather* eschews the common exhortation in creative writing to avoid repetition, borrowing instead from the rhetorical structure of English meteorological description. In one poem we see, in quick succession repetition of the common adverb very: “Very fine... Very beautiful... Very brisk... Very bright... Very stormy... Very fine... Very hot... Very bright.” Within my own hybrid print-digital project *This is a Picture of Wind*, Johanna Drucker observes the emergence of a “thick adjectival field of terms.” Even as the adjectival attempts to differentiate, it is subsumed within a larger dataset of terms collected from a vast corpus of weather writing, poetic, prosaic, and scientific. Breezes may be gentle, fair, brisk, or barely perceptible. But not all at once. JavaScript calls these terms into the web browser, in accordance with the current wind speed, continuously refreshing in an ongoing now of its own making.

J. R. Carpenter is an artist, writer and postdoctoral Research Fellow working on *Weather Reports – Wind as Model, Media, and Experience* at Winchester School of Art, UK. Her digital poem, *The Gathering Cloud*, won the New Media Writing Prize 2016. Her print collection *An Ocean of Static* was Highly Commended by the Forward Prizes for Poetry 2018. Her most recent collection, *This is a Picture of Wind*, based on a web-app by the same name, was listed in The Guardian’s Best Poetry Books of 2020. <https://luckysoap.com>

The Oblong in DMZ Colony: Translation and Docupoetry as Composite Archive

Jackie Chicaiese (University of Arkansas)

The value of docupoetry in expanding contemporary politics of witness has been studied more increasingly within the past decade, including by writers like Alissa Quart, Mark Howak, and Elizabeth Cattee and scholars like Joseph Harrington. However, the study of translation in building new knowledge and analytical models has so far been overlooked in docupoetry scholarship. How does docupoetry provide a framework for examining how interlingual translation and intersemiotic translation influence cultural communication and sites of meaning making? What does translation teach us about archival work, collective consciousness, and variation of language and reality through and across time and place? Docupoetries—especially works that integrate translation tactics—create new contexts for considering how poets can make use of reconfiguration to draw attention to the construction, interpretation, and perception of relationships and reality.

In my paper, I will discuss Don Mee Choi's *DMZ Colony*, a collection of docupoetry which employs nonlinear and cross-genre work in memoir, translation, poetry, photography, and journalistic reporting to interrogate the Korean Demilitarized Zone and its border as a site of linguistic and cultural displacement and violence. Focusing on Choi's use of repetition—of vowels and images of orbit and the oblong—and emphasis on translation will show how docupoetry provides scholars, teachers, and rhetors a rhetorically rich historical and psychic landscape to study how linguistic and cultural knowledge is inscribed, archived, interpreted, and reproduced transnationally.

Jackie Chicaiese is currently pursuing her MFA in Poetry at the University of Arkansas's Program in Creative Writing & Translation, where she also serves as Graduate Assistant to the Brown Chair in English Literacy Initiative. She has previously served as Communications Intern for Open Mouth Literary Center, a non-profit poetry reading and workshop series based in Fayetteville, AR; Poetry Editor of *The Arkansas International*; and staff workshop leader for Arkansas Writers in the Schools (WITS). Her scholarly interests include poetry and poetics, literatures of witness and docupoetry poetics, contemporary elegiac forms, and composition and literacies.

Same Old Story: The Poetry of the News

Jacob Edmond (University of Otago)

What forms has the news offered for writing the world and what are the consequences of these modes of global imagining for both art and life? One form, I suggest, is repetition. News media from the eighteenth-century newspaper to the twenty-first-century news feed are made from texts and stories that circulate and repeat, producing the imagined community not just of the nation but of the world. In this talk, I explore several examples of the many poetic uses of this repetitive news form—from eighteenth-century cross-readings to twentieth-century cut-ups to twenty-first-century digital cut-and-paste. I ask what these iterative news poetics can teach us about the role of repetition in both producing and challenging imaginings of the world.

Jacob Edmond is a professor of English at the University of Otago in Aotearoa New Zealand. He is the author of *Make It the Same: Poetry in the Age of Global Media* (Columbia University Press, 2019) and *A Common Strangeness: Contemporary Poetry, Cross-Cultural Encounter, Comparative Literature* (Fordham University Press, 2012). His essays have appeared in such journals as *Comparative Literature*, *Contemporary Literature*, *Poetics Today*, *Slavic Review*, *SubStance*, *Diacritics*, and *The China Quarterly*.

Código-poesía en vivo

Jorge Forero (Universidade do Porto)

La código-poesía es una variante de la poesía digital, a su vez un subgénero de la literatura electrónica. El artista y crítico Alan Sondheim propuso un nombre, una definición y una taxonomía para aquellos trabajos poéticos, que integrasen en su estética los lenguajes de programación informáticos. En este sentido, algunos trabajos para poesía visual y como argumentamos en este texto, para codificación en vivo, pueden clasificarse en aquella categoría, en donde el código fuente se funde en el contenido. La codificación en vivo es una técnica creativa mediante la cual es posible componer obras audiovisuales interactuando directamente con los algoritmos definidos en un lenguaje de programación, con el fin de obtener resultados sobre la marcha. El estilo no es fijo, lo que sugiere que la codificación en vivo es un método de interpretación más que un género. Una presentación estereotipada de codificación en vivo involucra artistas que escriben/improvisan código en el escenario, con sus pantallas proyectadas para la audiencia y su código interpretado dinámicamente, para generar música y gráficos en tiempo real. Así, el método propicia una codificación múltiple, haciendo visible la interacción entre las distintas capas de los lenguajes de representación involucrados. Un caso extremo de codificación múltiple puede hallarse en los lenguajes de programación esotéricos. Estos lenguajes, si bien son funcionales, no se estructuran desde la lógica de la producción informática, sino que buscan evidenciar las posibilidades expresivas de estos. En esta investigación presentaremos proyectos de tres autores latinoamericanos que desarrollan una propuesta de código-poesía en vivo utilizando lenguajes esotéricos de programación, creados en contextos locales, con el fin de tensionar la relación entre lenguaje e identidad. De este modo, un análisis desde la codificación en vivo nos ofrece una mirada para visualizar dinámicas culturales, haciendo énfasis en la dimensión temporal de la programación en sí misma, su performatividad y poesía, encarnada en una recursión temporal.

Jorge Forero es licenciado en física por la Pontificia Universidad Católica de Chile. Cuenta con un postgrado en artes por la Universidad de Córdoba y un magíster en artes mediales por la Universidad de Chile. Es candidato a doctor en medios digitales por la facultad de ingeniería de la Universidad de Oporto, donde desarrolla su investigación en computación afectiva y máquinas emocionales, bajo la supervisión de la doctora Mónica Mendes de la Universidad de Lisboa y el doctor Gilberto Bernardes de la Universidad de Oporto. Sus proyectos abordan desde la sonificación, la codificación en vivo y el reconocimiento de emociones, las posibilidades expresivas de los lenguajes mediales.

Expanded Elegy in Victoria Chang's *Obit*

Julie Phillips Brown (Virginia Military Institute)

*After great pain, a formal feeling comes –
The Nerves sit ceremonious, like Tombs –
–Emily Dickinson, F372*

Repetition in poetry promises both perpetuation and futurity, even as it threatens to erode the singularity of individual experience. Within this tension dwells the elegist's dilemma: how to render the ineffable particulars of the lost beloved through language and forms that are broadly held in common? While repetition can help the elegist to articulate the genre's conventions, repetition also furnishes the aesthetic foundation for expansive formal innovation: poems that "expand" can only do so *against* and *from within* formal and generic constraints. Thus Dickinson's poem expresses what other poets, in the wake of grief, know all too well: that the formal repetitions of our mourning can be both airless tomb and inner sanctum, leaden inertia and boundless abandon. The poems in Victoria Chang's *Obit* (Copper Canyon, 2020) explore these various states of grief by adapting the conventions of obituary—or obit—for elegiac ends. The typographic arrangement of Chang's obits functions as visual refrain, suggesting the narrow columns of a newspaper. The semantic scope of the obits, however, far exceeds what one typically finds in obituary, memorializing not only people, but objects, affects, and abstract propositions (e.g. "Hands," "Optimism," or "The Future"). Certain obits, such as "Memory" and "Victoria Chang," repeat throughout the collection, refiguring death as an iterative (rather than ultimate) process. Both the dissemination of death to mundane objects and affects, and the repetition of certain categories of death, allow mortality to proliferate ceaselessly throughout the visual and textual strata of *Obit*. Thus Chang's formal repetitions complicate and expand the generic bounds of elegy, tempering its original consolatory impulses with a melancholic refrain that sounds again, and again.

Julie Phillips Brown is an interdisciplinary poet, artist, literary critic, and editor. She is the author of *The Adjacent Possible* (Green Writers Press, 2021), and a recipient of the 2021 Philip Freund Prize from Cornell University. Her poems and essays appear in *Borderlands*, *Columbia Poetry Review*, *Contemporary Women's Writing*, *Denver Quarterly*, *Jacket2*, *The Rumpus*, *Tulsa Studies in Women's Literature*, and elsewhere. She lives in Lexington, Virginia, where she teaches creative writing, 19th-21st C American literature, and studio art.

Kaie Kellough's "do you read me?": Repetition Dismantles and Remakes Language in Performance

Klara du Plessis (Concordia University)

"At a certain point all our language becomes sound and you can organize sound in patterns and it becomes another language." These words were spoken by Griffin Poetry Prize-winning, Black Canadian poet Kaie Kellough during a performance of his poem "do you read me?" at Montreal's Words and Music Show, 25 January 2005. Kellough's oral practice—which engages with a synthesis of Dub and L=A=N=G=U=A=G=E poetics—relies heavily on the repetitive atomization of language, breaking words down into their letters or syllables, to create rhythmic patterns that are not easy to decipher audibly as syntactical meaning. So too the poem breaks down the question "do you read me?" into individual letters, repeated in such a way that they are rendered illegible to the listener. Rather than reiterating semantics, repetition becomes a way to disorient, to favour affect over signification. Repetition also resists dysfluency or stutter, however, as Kellough is able to dismantle language in virtuosic performance, retaining a form of hyper fluency and technical dexterity instead. He thus creates a new language, a sonic intervention into a colonial one that positions him as political subject beyond the use value of the verbal.

Kellough performs seventeen times over the course of twenty years at the Words and Music Show. He also frequently performs the same poem. Repetition repeats itself: in the formal construction of Kellough's poems, in the recurrence of the same poem in the audio archives, and in the prevalence of Kellough himself throughout the series. This paper will foreground these three modes of repetition by considering media traces of the literary event archive. It will share short archival audio clips, as well as passages from oral history interviews I conducted with Kellough, to render my argument discernible.

Works cited

Kellough, Kaie. "do you read me?" Words and Music Collection, SpokenWeb. Concordia University. <<https://spokenweb.ca/research/collections/>>

Klara du Plessis (she/her) is a FRQSC-funded, final year PhD candidate at Concordia University (Tio'tia:ke/Montreal, Canada) and affiliated with the SpokenWeb research network. Her doctoral project aims to schematize different modes of literary event curation and to think critically about the often neglected labour that goes into shaping poetry reading series, whether live or in the audio archive. Her research focuses on twentieth century and contemporary Canadian poetry, mostly in performance, and she develops a research creation component called Deep Curation. Klara is also the author of *Ekke* and *Hell Light Flesh*, and has three books of poetry and criticism forthcoming.

“Mess and Mess and”: Repetition in the Poetry of Douglas Kearney

Lauri Scheyer (Hunan Normal University)

This paper will address the repetitive strategies used by poet Douglas Kearney and show that these methods take on added layers of resonant meaning within the African American tradition he consistently signifies on and repurposes. While reflecting Euro-American developments in modern and postmodern experimentalism, Kearney's use of repetition is a major comment on and contribution to the story of African Americans and America. The earliest oral and written texts of African American culture were created by means of movable and endlessly reusable blocks of language that have been referred to as wandering choruses and mosaics, categorized as songs, poems, devotional scores, and folk products. These early poems, often by anonymous enslaved Black creators, refused to behave by conventional rules. Kearney alludes to and perpetuates this theory of a misbehaved black poetics by insisting on messing up neat symmetries and elegant form. His goal is not to obstruct meaning but “to map (mis)understanding as a verb.” He repurposes classic African American mosaics as he also re-uses the repetitive method itself by using contemporary materials. His use of repetition—in syntax, semantics, figures, structures, and diction—is iterative, editorial, inclusive, and allusive. His echoes and modulations are inevitably embedded in history and society by incorporating, citing, sampling, and sometimes warping the voices of others from a large pool of resources, including advertising, journalism, literature, music, history, politics, and popular culture. Repetition for many 20th and 21st century poets has been a call to interrogate language and its use, misuse, instrumentality, responsibility, manipulation, entanglement, and operation. Repetition draws on this mindset of aesthetic and political interrogation, but the forms and types of repetitions in Kearney's poetry signify on the specific context of America's racial history to examine what poetry has achieved and can achieve in the past and present of that mess.

Lauri Scheyer is Xiaoxiang Scholars Program Distinguished Professor at Hunan Normal University, where she is co-editor of *Journal of Foreign Languages and Cultures* and director of the British and American Poetry Research Center. She was founding curator of the African American Poetry Archive at Hampton University and founding director of the Presidentially Chartered Center for Contemporary Poetry and Poetics at California State University, Los Angeles. Her publications include *A History of African American Poetry* (Cambridge), *Slave Songs and the Birth of African American Poetry* (Palgrave Macmillan), *The Heritage Series of Black Poetry, 1962-1975* (Routledge), and *Theatres of War* (Bloomsbury).

Do livro fonográfico ao audiolivro: a repetição maquinal da voz

Mafalda Lalanda (Universidade de Coimbra)

Em 1878, Thomas Edison apresenta o revolucionário fonógrafo à Academia das Ciências de Paris. Com a sua máquina de «reprodução de palavras» (Losa, 2013), terá sido a primeira pessoa a ouvir a repetição da sua própria voz ao recitar *Mary Had a Little Lamb*. Começaria, portanto, em verso, a história da gravação e reprodução sonoras (Rubery, 2013) e, com ela, não tardariam as primeiras tentativas de desenvolver o «livro fonográfico» (Edison, 1878): um livro para ser lido com os ouvidos em vez dos olhos, no qual a voz, reproduzida mecanicamente, seria o veículo de transmissão literária. Para a sociedade oitocentista, ouvir palavras humanas por intermédio de uma máquina era de tal modo inconcebível que se tornou gerador de alguma desconfiança. Muitos eram céticos e outros necessitavam de provas empíricas através da interação com o aparelho, pois até então a oralidade era indissociável da sua efemeridade. Ainda no século XX, escutar a própria voz e compreendê-la como voz própria poderia provocar estranhamento, sobretudo para autores e intérpretes que, ao escutarem o seu reflexo vocal, se confrontam com o desdobramento entre o *eu* e o *próprio*. Além do desmaio de Sarah Bernhardt e da crise cardíaca de Miguel Torga, a repetição sonora da voz incentivaria ao (re)surgimento da auralidade – uma noção que, «indo além da distinção usual entre linguagem escrita e oral, levanta questões sobre a natureza da escuta enquanto leitura» (Noudelmann, 2020). Enquanto meio e prática de comunicação literária, o audiolivro do século XXI encontra na genealogia das tecnologias de gravação e reprodução sonoras um instrumento crítico ao entendimento das metamorfoses e processos de remediação ocorridos em formatos e suportes associados ao livro convencional. É a possibilidade de repetição maquinal da voz que irá desencadear as noções de livro fonográfico, livro discográfico, livro falante e, mais tarde, de audiolivro.

Mafalda Lalanda é licenciada em Português pela Universidade de Coimbra e mestre em Edição de Texto pela Universidade Nova de Lisboa. Atualmente é bolseira de doutoramento FCT em Materialidades da Literatura na Universidade de Coimbra, com o projeto de investigação «A escuta como leitura aural: a medialidade literária do audiolivro». Participa no podcast VoxLit no âmbito do laboratório experimental de humanidades MATLIT LAB. Estudou música e dança, fez rádio na RUC, escreveu para revistas culturais e trabalhou com editoras (Grácio Editor e Pato Lógico). Recentemente colaborou num projeto de intervenções artísticas inserido na bienal de arte AnoZero: o Paginário d'As Mil e Duas Noites.

“bound by the contrary of ceaseless repetition”: Maria Cyranowicz’s *ne(ur)olingwizm*

Małgorzata Myk (Łódź University)

In this paper I look at a critique of repetition that forms the undertow in conceptual poetry of Maria Cyranowicz, the Polish poet associated with language-oriented experimental poetic practices known as “neolingwizm” and author of five poetry collections. Cyranowicz’s long-standing critical engagement with a number of Polish poets representative of historical avant-gardes, in particular the work Miron Białoszewski, Tadeusz Peiper, Tymoteusz Karpowicz, Witold Wirpsza, Julian Przybos, Aleksander Wat, and Stanisław Drożdż, has been referred to as a „pseudo-avant-garde” that refuses to repeat revolutionary gestures and rejects utopian hopes. I focus on the conceptual and structural function of the repetition/variation dynamics in Cyranowicz’s 2009 collection *depression* (orig. *den.presja*), where the poet creates an archive based on the visual model of screen interface, through which she investigates impossible states of language and interrogates opaque notions of postmemory and witnessing. Simultaneously gesturing toward and obscuring references to a number of sources critiquing representations of the Holocaust and Second World War, and reflecting on an uneasy position of those who have become witnesses of mediated testimonies, the book’s thirty “documents” also constitute an intimate record of depression and psychic suffering. Cyranowicz’s intentionally impersonal machine-like writing combines her sense of language as a cold medium, akin to concrete poetry, with experimentation that foregrounds intensity of emotional register. Consequently, her poetry enacts numbing effects of wounding and its traumatic repetition implicit in witnessing, bringing to mind Catherine Malabou’s concept of *the new wounded* as well as Canadian conceptual poet Rachel Zolf’s sense of no-one’s witnessing (via Paul Celan’s apophatic writing), yet works against them by trying to reconstitute the reader’s capacity for intimacy, feeling, and sensation. The book’s visuals, created by Polish artist Marek Sobczyk, repeat the poems in blurred layers of overlaid text(s). Their piercing and unsettling presence, evocative of alienation induced by web environment, amplifies the poet’s emphasis on extinguishing ceaselessly repeated imagery.

Małgorzata Myk—Associate Professor in the Department of North American Literature and Culture, Lodz University. Author of *Upping the Ante of the Real: Speculative Poetics of Leslie Scalapino* (Peter Lang, 2019). Co-editor of *Theory That Matters: What Practice After Theory* (Cambridge Scholars 2015) and the *Polish Journal for American Studies* Special Issue on Innovation in Contemporary American Poetry. Kosciuszko Foundation Advanced Research Fellowship recipient in the academic year 2017/18 (UCSD). She studied at the Department of English, University of Orono, Maine, where she worked for the National Poetry Foundation. Co-editor-in-chief and content editor of *Text Matters: A Journal of Literature, Theory and Culture*, published by Lodz University Press.

“You also means me”: the case of Ketty La Rocca

Marzia D’Amico (University of Lisbon)

This paper focuses on the poetic act of repetition as simultaneously a form of affirmation and a form of depletion of significance, posing the question about affirmation of the identity as polarised. Ketty La Rocca (1938-1976) was one of the most important proponents of conceptual and body art in Italy throughout 1960s and 70s. Adopting visual poetry as main form of expression, she radically dealt with the socio-political limits of the meaning of language, experimenting with images in collages, performances, and photographs. The experiments already expressed a biting feminine and feminist charge and an extraordinary polemical acumen towards widespread stereotypes affirmed by and through the media. Her work on identity and criticism of the conventionality of language is particularly expressed in the examination of the bodily gesture as an “original means of communication”, as per the series including hand gestures and the repetitive reproduction on the word “you”. Repetition becomes a structural feature of developing an identity through constant re-affirmation of the same and an inherent distinguishable trait of her own poetics. In this paper, it will be discussed repetition as a form of affirmation, obsession, exorcism, annihilation, commentary on the state of the world. It will be argued that repetition as a methodology is adopted for construction of a work of art and a self, yet exposing the limitation of the same, through the relational theories of contemporary philosophers (e.g., Adriana Cavarero, Judith Butler).

Marzia D’Amico is a Junior Researcher (FCT) at the Centre for Comparative Studies (CEComp) of the Universidade de Lisboa. Their research explores the interplay between tradition and experimentalism in its forms, expressions, languages, and codes, with a focus on the socio-political implication behind women’s production of verbivocovisual poetry.

The Song Poem and Kitsch Repetition

Matthew Kilbane (University of Notre Dame)

My subject, the American “song poem,” is the product of an industry that takes as grist for its mill the dreams and skills of aspiring poets and songwriters. The racket runs like this: song-poem entrepreneurs place ads in mass-market magazines, soliciting original poems from those with a desire to hear their own words in song (see figure below). Dangling the promise of bigtime royalties, these “song sharks” then collect a substantial fee in exchange for setting the lyric to readymade or improvised music. Clients receive their song (as sheet music, a vinyl single, or now as a digital demo) but the royalties, of course, never arrive.



Though it's tempting to frame the conning encounter between song shark and songwriter as lyric poetry's extremest travesty, this presentation will frame the transmedial song poem industry as an unlikely resource for theorizing the material poetics and cultural politics of lyric writing. Indeed, while the songpoem has much to teach us about the social life of popular music, it also illuminates the nature of lyric expression as such. In short, by exploring three facets of the song poem's orientation toward what I call “kitsch repetition”—that is, the primacy of the refrain, the reliance on canned music, and the dependability of the repeat customer—we can wrest to the surface, in some finer detail, nothing less than some of the reasons that people (and not only, and not even mainly, published poets) write poems. Given that critical discussions of “amateur” writing or creative writing as everyday praxis are presently mired in the need to reject outmoded aesthetic concepts, the song poem teaches us to replace the notion of a bad lyric universality with a good lyric reciprocity—a mode of engaging an absent public in which patterned repetition plays a central role.

Matthew Kilbane is an assistant professor of English at the University of Notre Dame, where he works across the fields of poetry and poetics, media history, sound studies, and the digital humanities. His first book project, *The Lyre Book: Modern Poetic Media*, unfolds a disciplinary meeting place for literary and media studies around modern lyric poetry. Before arriving at Notre Dame, Professor Kilbane served as the Joseph F. Martino Lecturer at Cornell, where he received his Ph.D. from the Department of Literatures in English and taught with the Cornell Prison Education Program.

Irreconcilable Echoes. Polyptoton and Politics in Adorno and Monika Rinck

Nathan Taylor (Goethe University Frankfurt)

This paper revisits Theodor Adorno's invectives against political art by using his reading of Eduard Mörike's Biedermeier poem *Mousetrap Rhyme* – the only fully cited text in Adorno's *Aesthetic Theory* – as a springboard for thinking through the political and poetic double binds of repetition in contemporary lyric. Adorno's *en passant* reading draws on the *Mousetrap Rhyme*'s figures of repetition, particularly its formal conceits of echo and refrain, to make grand claims for the political (in)effectuality of poetry. In doing so, Adorno transfers the poem's figures of repetition onto his own argument: Mörike's poem becomes the critical theorist's utterly odd example for an art that condemns the order of things through its abstention, judging "by abstaining from judgment." A poem that in its Biedermeier and juvenile tone could not be more affirmative or complacent – evincing, Adorno suggests, a 'sadistic identification' with social violence – turns into an indictment of this very violence. In dialogue with recent accounts of Adorno's Mörike reading by Sianne Ngai and Jonathan Culler, my talk examines the structure of echo and polyptoton ('judging without judgment') that underwrites Adorno's reading as a form of political double bind, one generated by historical and poetic patterns of repetition and codified in the repetitious ritual of the poem. In a further step, I address contemporary iterations of this problem in the collection *Honigprotokolle [The Honey Protocols]* (2012) by the celebrated contemporary German poet Monika Rinck. I argue that Rinck's lyric submits Adorno's politics of repetition to its own poetic judgment without judging. I examine the collection's use of echo and polyptoton, particularly as it evokes, indicts, and modifies older traditions of echo in Baroque, Biedermeier and Romantic lyric. Rinck's poetic practice of echo amounts, I argue, to a sonic archive beyond the boundaries of the page, one that seeks neither to reconcile, preserve, restore nor reenact, but to protocol and document poetic repetition compulsions that are binding even beyond language.

Nathan Taylor received his Ph.D. in German Studies from Cornell University in 2017 with a dissertation on prose literature and political economy. He currently teaches German literature, aesthetics, and critical theory at the Goethe University Frankfurt, where he also coordinates the master's program in Aesthetics. He has published and translated essays on nineteenth-century and contemporary German-language literature, the poetics of the present, digital media and literature, art and value, and the Frankfurt School. He is currently completing a book entitled 'Invaluable: Prosaic Art and the Problem of Worth in the Long Nineteenth Century' and teaching a course on digital poetics.

Repetition and the Sonnet

Nick Montfort (Massachusetts Institute of Technology)

There are remarkable sonnets, intentionally crafted as such, that are 14-fold repetitions of the same line. The most famous ones in English are Ron Padgett's "Nothing in that Drawer" and Terrance Hayes's "Sonnet," which repeats the line "We sliced the watermelon into smiles." These rhyme AAAAAAAAAAAAAA, because repetition (rime riche) is a type of rhyme. They satisfy the rhyme schemes of both Petrarchan and Shakespearian sonnets, and for that matter of Spenserian sonnets as well. Hayes's is also metrical.

There are other 14-fold repetitions which are unlikely to have been intended as sonnets, but can nevertheless be read as such. Eugen Gomringer's untitled poem (known as "Silence") is one uncanny example; while it is a single word in the sense that it has one type, it has fourteen tokens, a grid three wide and five high with one absence in the middle. Another example is Christopher Knowles's typescript "Dance," which repeats that word in all capital letters along a single line at the top of a page, just fitting the fourteen space-separated words onto the space provided by this material.

It is fruitful to consider these poems — even the unlikely ones — within the sonnet tradition for several reasons. It raises the question of whether something is changing as language is repeated: Is there a volta or concluding couplet? Is there a connection to the traditional themes of sonnets? Is repetition taking Spencer's interlinking to its logical and absurd extreme? In addition to applying a traditional sonnet-based analysis to these poems, I try practical experiments. "Re-implementing" each of these poems as simple computer programs (e.g., `10 PRINT "Nothing in that drawer." : GOTO 10`) enables them to repeat boundlessly. I then consider how the ever-looping version differs from the 14-fold original.

Nick Montfort is a poet and artist who uses computation as his main medium and seeks to uncover how computing and language are entangled with each other and with culture. His computer-generated books include *#!* and *Golem*. His digital projects include the collaborations *The Deletionist* and *Sea and Spar Between*. Montfort also studies creative computing. MIT Press has published his *The New Media Reader*, *Twisty Little Passages*, *The Future*, and *Exploratory Programming for the Arts and Humanities*. He directs a lab/studio, The Trope Tank, and is professor of digital media at MIT. He lives in New York City.

Repeating Avant-Garde: Mapping Modern and Contemporary Constellations of Peru's Movimiento Hora Zero (1970-1973)

Olivia Lott (Washington and Lee University)

The Peruvian Movimiento Hora Zero (first stage, 1970-1973) was imagined as an iconoclastic neo-avant-garde movement that could pry the consciousness-raising powers of poetry away from a letter elite and into working-class hands. For this task, co-founders Jorge Pimentel (Peru, 1944) and Juan Ramírez Ruiz (Peru, 1946-2007) prescribed a poetic methodology called "Poesía integral" (Integral Poetry), wherein all life-matter fits. This paper begins to map a series of explicit constellations that emerge around Hora Zero's "Poesía integral." Two of these points of contact chart returns—or as I propose re/turns—to the past: to the Peruvian avant-garde of the 1920s (namely the interrelated writings of José Carlos Mariátegui and César Vallejo) and to the Nicaraguan poet Ernesto Cardenal's early-1960s theory of "exteriorismo" as well as his readings and translations of U.S. modernist Ezra Pound. Two others move Hora Zero into the future: to the late-1970s Mexican neo-avant-garde movement Infrarrealismo and lastly, to the poetry of today's Peru, especially Victoria Guerrero's 2019 collection *Berlín*. What is it about Hora Zero's radical inclusivity that compels this transtemporal and transnational motion? And what is it about "Poesía integral" and its retrospective chronology that remains relevant today? This paper briefly traces the aforementioned networks as a way to respond to these wider questions concerning the avant-garde and its repetitions. It thus seeks a dual motion: to widen conversations on Hora Zero beyond early-1970s Peru, and to expand conversations in comparative modernisms to the case of Hora Zero and its echoing.

Olivia Lott holds a Ph.D. in Hispanic Studies from Washington University in St. Louis (USA). She is a Latin Americanist scholar of poetry and poetics, avant-garde movements, the 1960s and 1970s, and translation studies. Her dissertation and book project, *Radical Re/Turns: Translation and Revolution in Latin American Neo-Avant-Garde Poetics, 1959-1973*, examines the reinvigoration of the avant-garde in response to the revolutionary imperative of the pivotal "long sixties." Her scholarly writing has appeared in or is forthcoming from *PMLA*, *Revista Hispánica Moderna*, and *Translation Studies*. She is also a prize-winning translator of poetry. She is Visiting Assistant Professor of Spanish at Washington and Lee University (USA).

Repetição, corpo e performance em *Amor de Clarice*

Otávio Guimarães Tavares (Universidade Federal do Pará)

O poema hipermídia *Amor de Clarice*, de Rui Torres, é atravessado por uma multiplicidade de repetições. Há filmes em loop, telas com palavras recorrentes, repetição de trechos textuais internos, sons e leituras em loop, batidas eletrônicas em loop dentre tantos outros elementos que se marcam e retornam. Há também repetições mais sutis. A obra digital é uma releitura do conto *Amor de Clarice* Lispector e, portanto, é uma forma de repetição de uma outra obra. Ao mesmo tempo, o modo de navegar da obra digital pode ser visto como uma tentativa de emular o modo de ser da personagem Ana no conto, tentando repetir para o leitor/usuário, em algum grau, a experiência da personagem. No conto de Clarice é o cotidiano rotineiro de uma dona de casa que se desmonta, se desfaz, na abertura de uma espécie de êxtase sensório-perceptiva, colocando em cheque as possibilidades de sentido diante do mundo. É a partir de um ato repetitivo - um cego mascando chicletes - que Ana sai da repetição cotidiana e adentra em um repetição extasiástica. Essa saída da repetição infernal do mundo cotidiano é materialmente trazida ao leitor/usuário a partir de uma série de repetições midiáticas digitais interativas. É a partir da repetição que a obra cria um mundo que deve ser experienciado a partir de um agir. A presente fala intenta explorar a relação entre repetição, elementos sensório-perceptivos e a corporeidade, se perguntando qual papel que estes têm em criar um mundo a partir do agir performático de quem interage com a obra.

Otávio Guimarães Tavares é professor da Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM) no Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFPA e professor colaborador da Pós-Graduação em Filosofia (PPGFil) da mesma instituição. É líder do grupo de pesquisa NELAA - Núcleo de Estudos em Literaturas e Artes Anglófonas. É membro do Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NuPILL/UFSC) desde 2005. Atua nas áreas de Teoria Literária, Literatura de Língua Inglesa, Estética e Filosofia da Arte, Poesia, Literatura Digital e Literaturas Experimentais.

Repetición, fragmentación y escritura “leprosa” en la poesía de Antonio Méndez Rubio

Paul Cahill (Pomona College, California)

A primera vista parecería que la obra del poeta extremeño Antonio Méndez Rubio (1967-) evita—y quizás se resiste a—emplear formas fijas y establecidas, en particular en términos de métrica y formas estróficas. Una aproximación más detenida a su trayectoria poética, sin embargo, revela la presencia de patrones formales repetidos que juegan un papel clave en su obra. Una forma en particular que merece atención aparte en su poesía publicada entre 1996 y 2005 es la que el poeta ha denominado “lepra”. Este nombre apunta a una forma estable que a la vez se deshace mediante el contenido que presentan estos poemas.

La paradoja formal que vertebra este tipo de poema tiene un paralelo político en la forma de textos que nos hacen cuestionar la solidez de lo que vemos y experimentamos. Todos los poemas que caen bajo la rúbrica de “Lepra” contienen doce versos endecasílabos sin un esquema de rima fijo y ejemplos de esta forma se encuentran en números de revistas, plaquettes, secciones de poemarios y un poema dividido en siete apartados. Muchos de ellos emplean símbolos e imágenes asociados con el mundo natural para destacar el carácter fragmentario y político—siguiendo el trabajo teórico de Jacques Rancière—de representaciones poéticas del mundo natural.

La repetición es una estrategia que nos hace prestar más atención a elementos y detalles formales en un poema y determina hasta cierto punto cómo nos aproximamos a estos poemas. La repetición de una forma poética específica como en el caso de esta forma “leprosa” también tiene el efecto de obligarnos a pensar en las formas de agrupar y dividir poemas, ya que quiéralo o no, el poemario se ha convertido en el contexto privilegiado para el análisis poético. Esta serie de poemas “leprosos” que repiten una forma poética nos invita a interrogar mucho de lo que damos por sentado con respecto al análisis poético, tanto en el caso de Méndez Rubio como en la poesía en general.

Paul Cahill. Hice mi licenciatura en la Universidad de Colorado en Boulder (2002) y mi maestría y doctorado en la Universidad de California en Irvine (2005, 2008). Soy especialista en la poesía española contemporánea. Preparé una edición crítica de *Tabula rasa* y *El sueño del origen y la muerte* de Jenaro Talens para Biblioteca Nueva (2013) y he publicado artículos en revistas como *Hispanic Review*, *Hispanófila*, *Ínsula*, *Letras Peninsulares*, *MLN*, *Revista Hispánica Moderna*, *Romance Notes* y *Studies in 20th and 21st Century Literature*.

Anne Carson: Take 2

Rebecca Kosick (University of Bristol)

Across her vast and diverse body of work, the Canadian-born poet Anne Carson repeatedly returns to the objects of her preoccupation. From Lazarus—“a person who had to die twice” (Carson, *Nox* 2010)—to Herakles and countless other figures, themes, images, etc., Carson keeps returning to rework old ground. This may be owed to her partial occupation as a scholar and translator of the Classics. These are cultural inheritances that have been (and will be) subject to continual reinterpretation with each increase in the centuries separating *then* from *now*. At the same time, Carson’s repetitions may also have to do with what Debra Fried (1986) calls “the endless verbal task” of epitaph, a refrain reminding us from beyond the grave that we all share a common end. Given that Carson often works on texts engaged with speakers who are no longer living, these repetitions suggest the poet herself may bear some of the burdens Fried identifies.

This paper will take a closer look at two recent books by Anne Carson—*H of H Playbook* and *The Trojan Women: A Comic* (both 2021)—to examine how repetition works across her oeuvre. While these are hybrid texts, it is my assertion that they fall broadly within the category of material poetics. I will discuss how these two texts can be understood as in reiterative conversation with both the poet’s source texts and earlier examples of her own work, exploring how repetition (with difference) circulates through Carson’s writing, particularly around the unknowable divide separating the living and the dead. It will also consider more microlevel tactics employed by the poet, such as excessive synonymy and visual-verbal recursion, to show how the poet uses multiple means of material communication to encircle the gaps where other voices can no longer speak for themselves.

Rebecca Kosick is a poet, translator, and Senior Lecturer at the University of Bristol (UK). There, she also co-directs the Bristol Poetry Institute. She is the author of the monograph *Material Poetics in Hemispheric America* (Edinburgh UP 2020) and the poetry collection *Labor Day* (Goliath Books 2020). Her current work investigates theories of poetic language and the literary deployment of translingual and transmedia means of communication. Forthcoming publications include a translation and critical edition of the Brazilian artist Hélio Oiticica’s *Secret Poetics* (SoberSCOPE Books, 2023) and a book-length study of the Detroit intermedia publisher, The Alternative Press (Wayne State UP).

This is not a word

Rita Raley (University of California, Santa Barbara)

What can we learn from experimental writers (aka language artists) about the functions, meaning, and value of language in the context of Natural Language Processing—which is to say in the context of our sociotechnical milieu? What, further, might be the cultural, aesthetic, and theoretical significance of the transformations of language into numerical data? And what, if anything, has changed in the shift from word2vec to the transformer architecture? To begin to answer these questions, I will be thinking with and alongside of Allison Parrish's latest asemic work, *Wendit Tnce Inf*, as well as the work of other writers pushing the boundaries not just of poetry but of natural language.

Rita Raley is Professor of English at the University of California, Santa Barbara. Her work is situated at the intersection of digital media and humanist inquiry, with a particular emphasis on language, literature, politics, and art practices. Her most recent work appears in *Digital Humanities Quarterly*, *symplokē*, *Amodern*, *PUBLIC*, and *The Routledge Companion to Media and Risk*. She is co-editor of the "Electronic Mediations" book series for the University of Minnesota Press and of forthcoming special issues of *American Literature* (Critical AI) and *ASAP/Journal* (Inscriptive Studies). Her current work focuses on the aesthetic and theoretical questions raised by machine translation, text generation, and NLP more broadly.

deep reading minimal texts: prayers and elegies in off-off artifacts

Rui Torres (University Fernando Pessoa)

deep reading [plan: to adopt pauline oliveros's method of deep listening to read texts; program: to connect internal and external reverberations, incorporating improvisation and openness, expanding patterns of attention and awareness] **minimal texts** [plan: to use nick montfort's poetics of efficiency to select texts to deep read; program: to identify constrained and conceptual approaches, based on craft and complexity, in the Portuguese experimental tradition] -- **prayers and elegies** [plan: to initiate deep reading as meditation and communication; program: to identify minimal texts that act as worship, scores that enable repetition to become difference and expansion] **in off-off artifacts** [plan: to amplify a. arbasino's doubly unaligned and underground; program: to identify minimalist prayers in displaced objects, collected items, assorted rarities, from sound poems to artists books]

Rui Torres (b. 1973, Portugal) - Professor of Communication Sciences at UFP (University Fernando Pessoa). Member of ICNOVA (NOVA Communication Institute) and collaborator of CLP (Center for Portuguese Literature, University of Coimbra). Member of the Board of Directors and Treasurer of the ELO (Electronic Literature Organization). Director of the "Cibertextualidades" book collection (FFP Publications) and Co-editor of the "Electronic Literature Series" (Bloomsbury Academic). Coordinator of the Digital Archive of Portuguese Experimental Literature (www-po-ex.net). Publications on literature and communication; creative works of electronic literature - all available in open access at <https://telepoesis.net>.

E o irrepitível, é o quê? Reflexão sobre ontologias do poético à luz da performance

Sandra Guerreiro Dias (Instituto Politécnico de Beja / Universidade de Coimbra)

É praticamente impossível, hoje, dissociar o fenómeno poético da performance. Nomeadamente pelo facto de esta, enquanto prática artística e ferramenta teórica, constituir uma alavanca crítica que sinaliza as práticas literárias no seu, desde sempre, enquadramento medial mas, em particular, dos meados do séculos XX em diante, no seu forte entrosamento tecnológico. Mais do que de mecanismos de expansão, a este respeito, pode falar-se, antes, de uma ontologia performativa do poético.

Um dos fundamentos iniciais da performance reside na sua efemeridade, ou seja, na sua irrepitibilidade, motivo pelo qual, nas suas formulações mais radicais no início do século XX, esta se afirma contra o arquivo e a possibilidade de mediação e/ou repetição por suportes tecnológicos. Uma leitura atenta do fenómeno permite perceber, no entanto, que também na performance estes meios são usados como dispositivos que, mais do que como arquivo, são explorados com propósitos políticos, estéticos e epistemológicos. Na segunda metade do século XX, aliás, a mediação tecnológica encontra-se já plenamente incorporada nestas práticas com dois propósitos claros (entre outros) que cumpre destacar no contexto deste colóquio: de criação de arquivos – com o objetivo de criação e alargamento deste campo de estudos –, e/ou de aprofundamento da sua contingência medial, em que o corpo é pensado híbrida e integradamente na relação com a restante tecnologia, eletrónica ou não, ou seja, não tendo em vista um reenactement da performance mas um aprofundamento crítico da relação entre performance e tecnologias de reprodução. Nas práticas poéticas experimentais, este exercício é levado ainda mais longe.

Para ilustrar esta problematização, nesta comunicação, analisa-se, em particular, aquela que é considerada a primeira performance poética portuguesa do século XX, o “Concerto e Audição Pictórica”, levado a cabo pela primeira geração da poesia experimental portuguesa, em 1965, em Lisboa, cuja “memória documental” se encontra alojada no *Arquivo Digital da Poesia Experimental Portuguesa*. Os ângulos de análise de partida para este estudo são os seguintes:

- A performance poética é irrepitível porque o texto poético também o é?
- A performance poética é repetível porque o texto poético também o é?
- De que modo podem ser lidos e interpretados, à luz destes contornos, os arquivos e indícios que permanecem, hoje, desta performance?
- Que ontologias performativas do poético para o século XXI?

Sandra Guerreiro Dias é doutorada em Linguagem e Práticas Sociais pela Universidade de Coimbra. É investigadora integrada do Centro de Literatura Portuguesa naquela instituição, colaborando também com os núcleos de investigação “Performance & Cognição” (ICNova, FCSH), “Intermedialidades” (ILCML, FLUP), e o *Arquivo Digital da Poesia Experimental Portuguesa*. Desempenha funções docentes na Escola Superior de Educação de Beja. É membro da *Red Internacional de Bibliotecas Lectoras* (RIUL) e da *ELO* (Electronic Literature Organization). Realiza investigação sobre poesia, performance, performance e vanguardas literárias. Tem sido palestrante convidada, em Portugal e no estrangeiro, nestas matérias.

Una aproximación teórica intermedial al estudio del rap poético de Gata Cattana

Sara Pardo Prado (Universidad de Santiago de Compostela)

La poesía comprometida y musical de Ana García Llorente (1991-2017), conocida como Gata Cattana, es uno de los proyectos artísticos más interesantes que se han producido en la península ibérica en los últimos años. Esta comunicación propone una aproximación de corte teórico centrada en los estudios intermediales que dé cuenta de las diferentes implicaciones sociales, literarias y culturales que se derivan del estudio de su obra, entre ellas la hibridación entre el género musical del rap con la poesía, el estudio de las diversas teorías de pensamiento político y filosófico que aparecen tanto en sus poemas como en sus canciones y, en especial, del estudio de los recursos sonoros y fonéticos presentes en su obra, recursos que giran en torno a la repetición, la rima, los juegos de palabras y la modificación de la acentuación final de determinados términos con el objetivo final de proponer una nueva aproximación teórica al estudio de este nuevo género poético a través del fenómeno intermedial. Para llevar a cabo esta tarea se tomarán de ejemplo las poesías publicadas en su poemario *No vine a ser carne* (2020) y en sus álbumes *Los siete contra Tebas* (2012) y *Banzai* (2017) desarrolladas en base a los recursos anteriormente mencionados a fin de establecer el género musical del rap poético de Gata Cattana como una interrelación a medio camino entre la música, la crítica social y la literatura oral.

Sara Pardo Prado es graduada en Lenguas y Literaturas modernas, mención en alemán, por la Universidad de Santiago de Compostela, donde además consta como módulo complementario, estudios de Teoría de la literatura y Crítica literaria. Su trabajo final de Máster aborda las diferentes perspectivas feministas y ecocríticas actuales y su aplicación a la novela de ciencia ficción *Dune* (1965) de Frank Herbert. Ha sido ponente en la I edición del Congreso *Malum Liberatum* en la Universidad Complutense de Madrid y publicará próximamente un artículo periodístico en la revista digital de arte y cultura *El Cuaderno* (artículo aceptado, en período de edición). Actualmente cursa el Máster de Estudios de la Literatura y la Cultura en Santiago de Compostela a la vez que se encuentra realizando sus prácticas en el grupo de investigación LitLin@, concretamente en el proyecto [ExFemLiOn](#) centrado en el ámbito de los nuevos medios y las Humanidades Digitales, la literatura elaborada por mujeres germanohablantes en el siglo XX y la recuperación de la memoria histórica.

Ritornelo e ostinato: formas da repetição na poesia de Eugénio de Andrade

Silvana Pessôa (Universidade Federal de Minas Gerais)

Esta comunicação pretende refletir sobre as formas da repetição na poesia de Eugénio de Andrade. Sabidamente, trata-se de um poeta que explora, de forma contínua e recorrente, ao longo de toda a sua obra, alguns procedimentos e técnicas que, tendo como pano de fundo seja referências explicitamente ligadas à música, seja, em caráter mais implícito, a utilização de figuras linguísticas vinculadas à repetição, tais como a anáfora, a anadiplose, a epístrofe, bem como aliterações e assonâncias, destinam-se a criar efeitos expressivos de grande produtividade.

Outro efeito expressivo de consagrada eficácia encontrado em Eugénio de Andrade é a reutilização de títulos de poemas, títulos esses que se repetem ao longo da obra. É como se cada livro se anunciasse como a continuidade dos anteriores, ou até mesmo como reescrita deles, como se pode notar pela recorrência de títulos de poemas como: “Canção”, “Madrigal”, “Litania”, “Acorde”, “Nocturno”, “Adagio”, poemas de *Primeiros Poemas* (1944) e que vão se reorganizando e se reestruturando, com variações, até o último livro, *Os sulcos da sede*, de 2001.

Neste sentido, pode-se pensar em duas práticas de repetição que, sob determinada perspectiva, constituem os fundamentos da lírica de Eugénio de Andrade: trata-se dos conceitos de “ritornelo” e “ostinato”, ambos provindos da teoria musical. A intenção desta proposta de trabalho é, pois, a de investigar a permanência (e suas conseqüentes variações) de certas metáforas e procedimentos poéticos os quais fazem com que a obra de Eugénio tenha se tornado singular referência no panorama da poesia portuguesa do século XX.

Silvana Pessôa é Professora de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, onde ministra cursos em nível de graduação e pós-graduação, orienta trabalhos em nível de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado, além de supervisionar projetos de pós-doutorado. Coordena o Centro de Estudos Portugueses, onde edita a Revista do Centro de Estudos Portugueses. Mestre e doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais, tem pós-doutoramento na Universidade de Lisboa e na Universidade Federal Fluminense.

Echoing and Reverbing in Translingual Poetry

Vladimir Feshchenko (Russian Academy of Sciences)

In recent years, the term *translingualism* has gained currency among literary scholars. In translingual poetry, poets work within the same text with more than one language (or with a nonnative language) to obtain freedom from cultural and monolingual restrictions and identities. At the same time, translingualism manifests itself, among other things, in those formal and semantic effects that arise in the fluctuating zone of transitions between languages. This paper will focus on two types of repetitions in translingual writing: echoing and reverbing. *Echoing* provides phonetic resonances between morphemes and lexemes of different languages (operating on the paradigmatic axis), whereas *reverbing* places these repetitions on the syntagmatic axis, making lexemes and phonemes reverberate in the unfolding textual space: *святые eis святые ewig светом ewiges вечным eis / лейтесь eis ewiges eis / лейтесь lux luceat eis / святитесь ewiges eis / струитесь lux perpetua* (E. Mnatsakanova); *Your prospects are ladders of beech, buchene Leitern, for literature is a beech, it is wood or wode. / This wood you call бук, read book, but in the mountains чинарь, takar, and the letter, буква* (E. Ostashevsky); *why does "rite" sound like луч to me / i wouldn't know / let's let it be луч / a rite could be луч / and could be no лучше than no луч* (I. Krasnoper). The semantic effects of such poetic writing are caused by the overlapping of multilingual interfaces, the interaction between repetitive and resonant elements of two or more language systems. A translingual poetic text can serve as a model for self-translation as a formal and semantic transfer. Such textual practice could be called "trans-language writing", meaning by *trans-language* a synthetic, hybridized, creolized language and at the same time a language in which constant internal translation, recoding, and linguistic transfer is in effect.

Vladimir Feshchenko, Senior Research Fellow, Institute of Linguistics, Russian Academy of Sciences. Over 100 publications in theoretical linguistics, poetics, semiotics, avant-garde studies. Author of *Laboratory of the logos: language experiment in avant-garde creativity* (2009, in Russian); *The creation of the sign: Essays in linguistic aesthetics and semiotics of art* (2014, in Russian); *The Linguistic Turns of the Literary Avant-Garde* (2018, in Russian); *Language Within Language: Artistic discourse and the foundations of linguistic aesthetics* (2022, in Russian). Translations of Anglo-American modernist and postmodernist texts into Russian, by Gertrude Stein, e e cummings, Eugene Jolas, Wyndham Lewis, Language poets, and others.

All over again: The Politics and Poetics of Repetition in Etel Adnan's Long Poems

Yasmine Shamma (University of Reading)

In "Beirut, All Over Again" Etel Adnan draws on the trope of Beirut's repetitive history of destruction (and ultimately regeneration) to marry the energy of repetition in poetry to its existence in Lebanon's politics. Is the political poetic? Maybe not. But the poetic can be political. This poem, and her "To be in a Time of War" suggest as much through their anaphoric lines and motifs. My paper will untangle one from the other to ask if the repetition of the way in (Lebanon's repeated explosions and implosions) permits a way out in the art form of the poem.

Yasmine Shamma is Associate Professor of modern and contemporary literature at the University of Reading. She is the author of *Spatial Poetics* (OUP), editor of *Joe Brainard's Art* (EUP), *Making Home Away* (forthcoming with Palgrave), *We Were the New York School* (forthcoming with EUP), and is currently writing on the art and poetics of Waiting and displacement.